



Universidade de Brasília

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas

Públicas

Departamento de Administração

TOMAZ SARDEIRO GRINALDO

DIAGNÓSTICO DE CONDOMÍNIOS DE ARMAZÉNS RURAIS NO OESTE BAIANO

Brasília – DF

2019

TOMAZ SARDEIRO GRINALDO

DIAGNÓSTICO DE CONDOMÍNIOS DE ARMAZÉNS RURAIS NO OESTE BAIANO

Monografia apresentada ao
Departamento de Administração como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Administração.

Professor Orientador: MSc., Amanda
Cristina Gaban Filippi.

Brasília – DF

2019

TOMAZ SARDEIRO GRINALDO

**DIAGNÓSTICO DE CONDOMÍNIOS DE ARMAZÉNS RURAIS
NO OESTE BAIANO**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do
Curso de Administração da Universidade de Brasília do aluno

Tomaz Sardeiro Grinaldo

Mestre, Amanda Cristina Gaban Filippi
Professor-Orientador

Doutora, Patrícia Guarnieri dos Santos,
Professor-Examinador

Doutor, Fabrício Oliveira Leitão,
Professor-Examinador

Brasília, 26 de junho de 2019

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Francisco Grinaldo e Izabel Sardeiro.

Ao meu filho Malthus, por entender que muitas vezes não pude lhe dar a atenção que merecia por estar estudando.

A Deus, por estar sempre presente em minha vida guiando meus passos.

A minha orientadora, Professora Mestre Amanda Gaban, por ter sido tão solícita todas às vezes que necessitei de seu apoio, sempre alegre e disposta a ajudar.

A Giovanna, um presente que a UnB me deu, graças a sua presença meus dias ficaram mais leves e divertidos, pessoa inteligente e com um coração enorme.

“A experiência me permite afirmar que os produtores são agora tão necessários à nossa independência, quanto para o nosso conforto.”

Thomas Jefferson

RESUMO

Atualmente o Brasil figura dentre os maiores produtores de soja do mundo. Ano pós ano as safras vêm batendo recordes de produção, porém, os investimentos em estruturas necessárias para armazenamento e transporte adequado não acompanham esse ritmo. Para driblar esses gargalos e se manterem competitivos frente aos demais produtores mundiais, uma nova forma de associativismo, os Condomínios de Armazéns Rurais vem ganhando notoriedade no cenário nacional. O presente trabalho teve como propósito identificar a existência e perspectivas de Condomínios de Armazéns Rurais na região Oeste da Bahia. Essa localidade está inserida na nova fronteira agrícola do Brasil, conhecida como MATOPIBA, junção das iniciais dos estados Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia. Para atingir esse objetivo foi realizada uma pesquisa aplicada, exploratória, descritiva com abordagem qualitativa. Através de um roteiro semiestruturado foram entrevistados dois Engenheiros Agrônomos, um da iniciativa privada e outro da Secretaria de Agricultura de Barreiras-BA. O procedimento técnico utilizado foi a análise de conteúdo de Bardin (1977). Identificou-se que os agricultores locais participam de algumas formas de Associativismo. Foi encontrada ainda uma possível evidência da existência de Condomínios de Armazéns Rurais no Oeste Baiano. Diante da grande produção local e do déficit de armazenagem, há um possível potencial para implantação dos Condomínios de Armazéns Rurais na região. Por ser um tema relativamente novo, os entrevistados pouco sabiam de suas características. Nesse contexto, esse trabalho contribuiu para a difusão do arcabouço teórico e conhecimento a respeito do tema.

Palavras-chave: Condomínios de Armazéns Rurais; Oeste Baiano; Armazenagem; Ações Coletivas Rurais; Agronegócio Brasileiro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Histórico da Soja – Oeste da Bahia – 10 anos.....	20
Figura 2 – Esquema da Relação das Cooperativas.....	24
Figura 3 – Silo metálico.....	47
Figura 4 – Silo bolsa.....	47
Figura 5 – Custos de armazenagem.....	50
Figura 6 – Rodovias Federais Região Nordeste	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Produção de grãos no Oeste da Bahia.....	44
Tabela 2 – Exportação soja baiana.....	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Vantagens dos Condomínios de armazéns rurais.....	33
Quadro 2 - Roteiro sobre identificação e caracterização dos condomínios rurais no Oeste Baiano.....	42
Quadro 3 – Roteiro sobre logística e armazenagem da soja no Oeste Baiano.....	46
Quadro 4 – Roteiro sobre identificação e caracterização dos condomínios rurais no Oeste Baiano.....	54
Quadro 5 – Resumo dos principais resultados.....	58

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Condições das estradas na Bahia.....	53
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAPA - Associação Baiana dos Produtores de Algodão

AEP - Associações Econômicas e Produtivas

AIBA – Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia

APROSOJA – Associação Brasileira dos Produtores de Soja

CACCER - Conselho das Associações dos Cafeicultores do Cerrado

CEMPRE - Cadastro Central de Empresas

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento

CNT - Confederação Nacional do Transporte

CSCMP - Council of Supply Chain Management Professionals

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EBC - Empresa Brasil De Comunicação

FAEP – Federação da Agricultura do Estado do Paraná

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBLOG – Instituto Brasil Logística

IEA – Instituto de Economia Agrícola

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

ONGs - organizações não governamentais

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SISTEMAOCB - Sistema Organização das Cooperativas Brasileiras

SNA - Sociedade Nacional de Agricultura

Sumário

1. Introdução	13
1.1 Contextualização	13
1.1.1 Formulação do Problema	16
1.2. Objetivo Geral	17
1.3. Objetivos Específicos	17
1.4. Justificativa	17
1.5. Estruturação do Trabalho	18
2. Referencial Teórico	20
2.1. Armazenagem	20
2.2. Associativismo e Cooperativismo	22
2.2.1. Associativismo Rural	26
2.2.2. Condomínio de Armazém Rural	30
3. Métodos e Técnicas de Pesquisa	34
3.1. Tipologia e Descrição Geral dos Métodos de Pesquisa	35
3.2. Caracterização da Organização, setor ou área, Indivíduos Objeto do Estudo	35
3.3. Participantes da pesquisa	36
3.4. Caracterização e descrição dos instrumentos de pesquisa	37
3.5. Procedimentos de coleta e de análise de dados	39
4. Resultado e Discussão	41
4.1. Análise do Estudo de Caso	41
4.1.1. Categoria 1: características dos produtores rurais e região	42
4.1.2. Categoria 2: logística e armazenagem da soja no oeste baiano	46
4.1.3. Categoria 3: Identificação e caracterização dos condomínios rurais no Oeste baiano	53
5. Conclusão e Recomendação	61
5.2. Considerações Finais	61
5.3. Limitações da Pesquisa	62
5.4. Sugestões para Estudos Futuros	62
5.5. Contribuição da Pesquisa	63
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICES	70

1. Introdução

1.1 Contextualização

A estimativa era de que a área plantada de soja, no Brasil, na safra de 2017/2018 teria um aumento de 3% em relação ao ciclo anterior, com a previsão inicial de uma produção de mais de 110 milhões de toneladas, e o plantio, que começa em setembro, devia ocupar mais de 35 milhões de hectares (REVISTA CULTIVAR, 2017).

Por outro lado, a perspectiva do agronegócio brasileiro para a safra de soja de 2018/2019 é positiva quanto ao aumento da produção, segundo a análise feita pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Ao apresentar os números das safras no ano de 2018, as últimas safras ultrapassaram as estimativas dos anos de 2017 e temos novamente recordes no Agronegócio Brasileiro, esse crescimento ocorreu devido ao aumento de área destinada para plantio a fim de suprir a demandas internacionais (CONAB, 2018).

Com este aumento na produção de grãos nacional, torna-se então importante e necessário pensar na logística, para que haja uma maior satisfação não só por parte dos produtores, mas também para satisfazer às demandas dos clientes através de uma competência operacional, buscando uma qualidade predefinida de serviço garantindo assim mais eficiência e mais eficácia nos processos, a fim de disponibilizar os produtos e serviços necessários em qualquer lugar e a qualquer tempo (BOWERSOX; CLOSS, 2001).

O crescimento do Brasil no cenário competitivo de exportadores nos últimos anos e o aumento da sua produção ocasionaram falta de locais apropriados para a armazenagem, e conseqüentemente, perda do produto agrícola e de parte da riqueza nacional na cadeia do agronegócio (GENTIL; MARTIN, 2014). Desta forma, uma boa logística também auxilia na elaboração de maneiras adequadas de investimentos em locais apropriados para a armazenagem destes produtos, auxiliando ainda mais nesse crescimento do país.

Outra maneira de auxiliar esse crescimento, é apostar em maneiras Associativistas alternativas, aquelas que visam evitar o surgimento de gargalos logísticos, bem como reduzir os custos de transporte, armazenagem, etc., à exemplo destes modelos podem ser citados os condomínios de armazéns rurais, que são

uma nova forma de organização que possuem características semelhantes ao associativismo e trazem consigo diversas vantagens, oportunidades e benefícios, tornando o produto destes superior aos produtos agrícolas de concorrentes que não fazem parte do Condomínio (FILIPPI, 2017; FILIPPI; GUARNIERI, 2018; FILIPPI et al., 2018).

Para o cenário nacional de produção de grãos, tomando como referência a safra 2016/17, os estados que mais produziram soja em grãos foram: Mato Grosso, com 28,8% da produção (30,51 milhões de toneladas); Paraná, com 17,1% (19,53 milhões de toneladas); e Goiás, com 9,4% da produção (10,82 milhões de toneladas).

Também aparece com um resultado expressivo na produção de soja a região conhecida como MATOPIBA, com 11% da produção brasileira (12,49 milhões de toneladas), o que configura um aumento de 83,9% se comparado com a safra passada, fazendo a seguinte ressalva, devido a problemas climáticos houve uma quebra na safra 2015/16, principalmente na região do MATOPIBA e no estado do Mato Grosso (CONAB, 2017).

O MATOPIBA compreende o bioma Cerrado dos estados do Maranhão (Sul), Tocantins (todo o território), Piauí (Sul) e Bahia (Oeste), responde por grande parte da produção brasileira de grãos e fibras, e é uma das últimas fronteiras agrícolas nacionais com grande representatividade na produção de grãos (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA).

A área era considerada, até pouco tempo, sem tradição forte em agricultura, mas nos últimos anos tem chamado atenção pela produtividade cada vez crescente. A região, até o final da década de 1980 se baseava fortemente na pecuária extensiva, porém após atentar à topografia plana, os solos profundos e o clima favorável ao cultivo das principais culturas de grãos e fibras foi possível, através de um melhor conhecimento do local, o crescimento vertiginoso da região, por outro lado, o desafio de garantir uma agricultura moderna e sustentável se torna audacioso, uma vez que a área também é considerada complexa. Embora outras culturas como arroz e algodão também possuam um papel importante nas regiões produtora, a cultura principal nas principais regiões concentra-se atualmente na soja (EMBRAPA).

Quanto ao Oeste da Bahia, a região do seu extremo Oeste é uma das regiões que mais crescem e impulsionam o desenvolvimento da economia do estado. Nos 24 municípios da região está concentrado 34,2% do PIB agropecuário da Bahia, o que representa mais de um terço de toda a riqueza produzida pelo setor no estado. Municípios como São Desidério, um dos quatro mais ricos do Oeste, têm sua economia baseada fundamentalmente na agropecuária, que responde por 69,2% do PIB municipal (Associação Baiana dos Produtores de Algodão – ABAPA 2019).

Outro fator importante é o desenvolvimento de projetos de pesquisa na região do MATOPIBA, onde a Embrapa destina a maior parte do orçamento (59%) ao melhoramento genético. E quem ganha destaque, neste tema, é a soja, com 39% dos recursos (o equivalente a cerca de 26,8 milhões de reais) que são aplicados em pesquisas envolvendo essa cultura. A soja também se destaca no tema sobre sistemas de produção, recebendo 27% do total de recursos (FLORESTA BRASIL.COM, 2016). De toda a região, a Bahia se destaca em produtividade da soja, com 2.940 quilos por hectare (kg/ha) e 4,2 milhões de toneladas colhidas (EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO - EBC, 2015).

Em 2014, a região Oeste da Bahia exportou mais de dois milhões de toneladas de soja e derivados. O quarto município mais rico da região, Formosa do Rio Preto, se caracteriza como o maior produtor de soja do estado e quinto maior do Brasil. A cidade ainda é considerada o segundo maior produtor de algodão do estado, quarto produtor baiano de arroz e décimo maior produtor de milho da Bahia. Com quase 350 mil hectares de área plantada e colhida, Formosa produziu 859.315 toneladas do grão, em 2013. Os outros dois principais produtores, Luís Eduardo Magalhães e Barreiras, produziram, respectivamente, 358.211 e 307.732 toneladas de soja (ABAPA, 2019).

Atualmente, o Oeste da Bahia é considerado maior produtor do Nordeste e responde por 45,5% da produção da região.

E em 2018 colheu uma safra recorde de grãos de aproximadamente 9,7 milhões de toneladas segundo a CONAB. Graças a capacidade agrícola do Oeste da Bahia, que possui uma capacidade agrícola expressiva para a região, a Bahia está em sétimo lugar no ranking dos estados produtores, a sua produção corresponde a 4,2% da safra nacional, e a 45,5% da produção da região Nordeste.

O destaque do agronegócio baiano vai para a soja, que através de dados levantados, somente no Distrito de Rosário, a área plantada de soja cresceu mais de 10 vezes nos últimos 30 anos (KASUYA, 2018).

1.1. Formulação do Problema

O Condomínio de Armazém Rural é uma forma de associação que tende a auxiliar na inserção e permanência dos produtores no mercado competitivo.

O Estatuto Social de Condomínio de Produtores Rurais em seu capítulo I, que diz respeito da fundação e dos objetivos dos Condomínios, expressa em seu artigo segundo os seguintes objetivos:

Art. 2º- Esse agrupamento de pessoas tem por objetivo reunir trabalhadores sem terra e pequenos produtores rurais em torno de uma sociedade, em forma de condomínio, para explorar a atividade rural como meio de produção, nos termos do art. 186 da Constituição Federal e dos artigos 3º e 14, caput, da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964 (Estatuto da Terra); (CONTEÚDO JURÍDICO, 2010).

Essa maneira de associativismo tende a fortalecer os produtores financeiramente e economicamente. Além de contribuir com a eficiência gerencial dos recursos, a contribuição com a estrutura administrativa e organizacional do Condomínio de Armazém Rural tende a se caracterizar como um dos pontos que se destacam sobre a gestão dos Condomínios, tornando-se ferramenta estratégica para o gerenciamento do empreendimento. Ela é o elemento que tende a garantir o bom andamento das atividades, o sucesso da organização, que a cobrança seja feita de maneira correta e que não exista favorecimento entre alguns condôminos de um mesmo Condomínio (FILIPPI, 2017; FILIPPI; GUARNIERI, 2018; FILIPPI et al., 2018).

Dessa forma, a região Oeste da Bahia, com a área de característica fundiária do “Cerrado”, tem como seu perfil produtivo o de agricultura empresarial e intensiva, destacando-se entre eles o do cultivo da soja (AIBA, 2019).

Diante desse contexto de crescimento, tanto no investimento da produção de grãos, quanto no crescimento da exportação, torna-se necessário que os produtores apostem em maneiras que viabilizem uma melhor armazenagem dos grãos, além do investimento na logística de distribuição do produto. A presença de Condomínios de

Armazém Rural nessa região seria uma forma de auxiliar os produtores a alcançarem, de maneira mais efetiva e eficaz, os seus objetivos no mercado.

Portanto, este trabalho tem como pergunta de pesquisa: “No Oeste Baiano existe condomínio de armazéns rurais e tem potencial para sua implantação?”.

1.2. Objetivo Geral

Identificar a existência e perspectivas de condomínios de armazéns rurais no Oeste Baiano.

1.3. Objetivos Específicos

Para responder a pergunta de pesquisa é necessário delimitar objetivos específicos que permitam alcançar o objetivo geral dessa pesquisa. Esses objetivos específicos são:

- i) Levantar junto aos órgãos regionais sobre a existência dos condomínios de armazéns rurais.
- ii) Levantar a percepção sobre o potencial de implantação do Condomínios de Armazéns Rurais.
- iii) Caracterizar a região e os produtores rurais do Oeste Baiano.

1.4. Justificativa

O Oeste da Bahia consolidou-se como pólo de grãos do Nordeste, tudo graças a presença da agroindústria e dos canais de exportação que existem no estado e concentram-se em maior parte desta região que tem a soja como principal atividade agrícola. O grão vem sendo cultivado desde o início da década de 1980. Porém, atualmente há atividades que complementam essa matriz produtiva local com o cultivo de algodão, milho, sorgo, forrageiras, café e pecuária (SOJA PLUS BAHIA, 2019).

De acordo com os últimos levantamentos divulgados pelo Conselho Técnico da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), e segundo dados apresentados, a safra de grãos de 2017/18 superou as expectativas divulgadas. As

culturas de soja e algodão no oeste da Bahia bateram recordes de produção. O registro da safra registrou a produtividade de 66 sacas por hectare, atingindo uma marca histórica, contabilizando em uma área total de 1,6 milhões de hectares cultivados. O balanço representa um incremento de 23,8% em relação à safra passada (AIBA, 2018).

Com o crescimento das safras, o armazenamento dos grãos tende a se tornar caro e deficitário, o que faz com que os produtores brasileiros busquem diversas alternativas para contornar os gargalos logísticos que esse aumento acaba criando, os Condomínios de Armazéns Rurais, apesar de ser um tema novo na Literatura, tem se mostrado um tipo de associativismo que auxilia os produtores (FILIPPI, 2017; FILIPPI; GUARNIERI, 2018; FILIPPI et al., 2018).

Com o desenvolvimento do agronegócio bem como o aumento da produção e exportação de grãos brasileiros, os condomínios de armazéns rurais podem ser uma alternativa viável para os produtores brasileiros. Conhecer esse tema e compreender os benefícios no que tange a logística, custo, além das questões sociais que envolvem esse tipo de associação é importante para contribuir com o desenvolvimento rural do país e com ações coletivas que tendem a ajudar o Brasil a crescer no mercado competitivo mundialmente além de apresentar melhorias para os próprios produtores.

Diante do exposto, torna-se pertinente compreender a existência do modelo no Oeste Baiano, como também, perspectivas da ação coletiva rural na região.

1.5. Estruturação do Trabalho

A estrutura desse trabalho está definida da seguinte maneira, a primeira seção apresenta a introdução com a contextualização, formulação do problema, objetivos (geral e específico) e justificativa da pesquisa. A segunda seção discorre sobre a revisão teórica acerca da logística empresarial, armazenagem, associativismo e cooperativismo, associativismo rural e condomínios de armazéns rurais. A terceira seção é sobre métodos e técnicas de pesquisa que é apresentado como tipologia e descrição geral dos métodos de pesquisa; a caracterização da organização, setor ou área, indivíduos objeto do estudo; população e amostra ou participantes da pesquisa; caracterização e descrição dos instrumentos de pesquisa;

e procedimentos de coleta e análise de dados. A penúltima seção é voltada para os resultados e discussões com a análise do estudo de caso. Por fim, é apresentado considerações finais, as limitações da pesquisa, as sugestões para estudos futuros e a contribuição dessa pesquisa.

2. Referencial Teórico

2.1. Armazenagem

Commodity é uma palavra em inglês e significa mercadoria. No Brasil, ela é utilizada para se referir aos produtos de baixo valor agregado, ou mercadorias de origem primária produzidos em grande escala com baixo ou nenhum grau de industrialização. Atualmente, o Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de commodities do mundo, e devido à produção, exportação e importação em larga escala destes insumos, o país foi obrigado a tomar medidas que auxiliem na realização destes processos como: a produção, negociação e armazenamento destes produtos (BRANCO, 2008).

Segundo A Associação Brasileira dos Produtores de Soja (Aprosoja) (2018), o número da área plantada de soja passou de 30 mil hectares em 1980 para 371 mil hectares atualmente. A figura 1 demonstra o histórico da soja no Oeste da Bahia em 10 anos.

Figura 1: Histórico da soja - Oeste da Bahia - 10 anos

SAFRA	AREA (mil ha)	PRODUTIV. SC/ha	PRODUÇÃO (mil ton)
2006/07	850	45	2.295
2007/08	935	51	2.839
2008/09	983	43	2.506
2009/10	1.050	51	3.213
2010/11	1.100	56	3.696
2011/12	1.150	48	3.321
2012/13	1.285	38	2.722
2013/14	1.310	42	3.318
2014/15	1.420	49	4.175
2015/16	1.528	35	3.209
2016/17	1.580	54	5.119
2017/18	1.600	66	6.336

Fonte: Aiba (2018)

Atualmente um dos maiores problemas que os produtores enfrentam, é com a questão do processo de armazenamento dos seus produtos, pois o crescimento do Brasil no cenário competitivo de exportadores nos últimos anos e o aumento da produção ocasionou a falta de locais apropriados para a armazenagem, e

consequentemente, a perda do produto agrícola e de parte da riqueza nacional na cadeia do agronegócio (GENTIL; MARTIN, 2014).

Além da falta de locais apropriados para a armazenagem, e do problema da perda de muitas sacas de produtos, visto que em alguns casos, os silos tendem a ficar abarrotados pelas suas mercadorias, acarretando na não colheita dos seus produtos, ou no problema de não ter locais apropriados para guardar a produção, os produtores também têm que enfrentar o alto custo de investimento que é necessário para aumentar a sua capacidade de armazenagem (INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA).

Outro fator a ser analisado, além dos custos, são as flutuações naturais do mercado, que tendem também a ser outro fator que auxilia no momento de tomada de decisão de investimentos desse porte, uma vez que para Gentil e Martin (2014, p.29) "a possibilidade de o produtor maximizar o lucro com a flutuação dos preços no mercado por meio do silo próprio dentro da fazenda beneficiará toda a cadeia produtiva", assim pode-se obter maior lucro em períodos de entressafra, quando existe baixa oferta do produto no mercado e, portanto, melhores preços podem ser alcançados (GENTIL; MARTIN, 2014), o que só é possível caso o produtor disponha do produto armazenado (FILIPPI, 2017; FILIPPI et al., 2018).

Sendo possível então aos produtores o poder de decisão, conseguindo maximizar seu lucro através da flutuação dos preços no mercado. Para Ballou (1993), os estoques armazenados tendem a absorver as flutuações dos níveis de produção e as variações da oferta e da demanda, o que pode reduzir seus custos produtivos, além de poder reduzir também os custos de transporte, pois permite que os lotes de carregamento sejam maiores e mais econômicos.

Quanto ao investimento, Gentil e Martin (2014) também escrevem que,

Quando se calcula o investimento necessário para elevar a capacidade de armazenamento da produção nacional de grãos nas propriedades rurais em até 50%, no horizonte de quinze anos, de 2014 a 2028, estima-se um valor total de US\$ 43,06 bilhões (estimativa dos autores).

As análises financeiras dos projetos de investimento em armazenagem nas propriedades rurais mostram que a estratégia só passa a ser viável acima de 50 mil sacas armazenadas. O retorno do investimento leva, pelo menos, quatro anos.

Então, para auxiliar os produtores, diminuindo os seus custos, e os ajudando a ter um retorno a curto prazo, foi necessário que o país realizasse um plano que os ajudassem a aumentar o nível de armazenamento dos seus produtos. Desta forma,

para proporcionar uma maior estabilidade de preços e de mercado, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), inclui o sistema de armazenagem como um dos componentes da Política Agrícola e Pecuária, para então, ter como sua principal finalidade a garantia do fluxo de abastecimento constante (CONAB, 2017).

Assim, o correto armazenamento pode acarretar no sucesso da estocagem, permitindo assim que os produtores vendam seus produtos em qualquer época do ano, em que o preço do produto esteja mais valorizado no mercado, ou seja, no melhor momento para eles (FILLIPI, 2017; FILIPPI et al., 2018).

Para este processo de aumento da capacidade de armazenamento existem várias políticas e medidas que tornam os custos menores, como é o caso do (MAPA), que tem investido no

Financiamento de construção de armazéns com capacidade de até 6 mil toneladas nas propriedades dos pequenos e médios produtores rurais e à recuperação de reserva legal e de áreas de preservação permanente no âmbito do Programa ABC (MAPA, 2018).

Concedendo também taxas de juros que favorecem os produtores.

Outra medida que tem ganhado força para auxiliar este processo, é o da criação de Condomínios de Armazéns Rurais. No município de Palotina, no estado do Paraná, os produtores de grãos apresentaram como principal vantagem os Condomínios. Segundo a FAEP (2014) a redução dos custos com o processo de armazenagem, além da liberdade dos produtores rurais de fazer a comercialização dos seus produtos no período que garanta a melhor rentabilidade para eles.

Dessa forma, os condomínios de armazéns rurais, através do associativismo, têm se mostrado uma peça fundamental para que os produtores consigam atingir seus objetivos.

A próxima sessão trata associativismo e o cooperativismo.

2.2. Associativismo e Cooperativismo

O associativismo consiste em um conjunto de pessoas, com interesses em comum, que se reúnem para formar uma associação e assim conseguir uma melhoria na qualidade de vida e atingir seus objetivos através da solidariedade, participação e cooperação. O associativismo formal é uma pessoa jurídica que

possui legislação própria e é devidamente registrada em cartório. São características das associações: a união de duas ou mais pessoas físicas ou jurídicas com objetivos comuns; não possuem finalidade lucrativa; o patrimônio delas é constituído pela contribuição dos associados, por doações, por subvenções, etc.; quando há sobras, elas não são distribuídas entre os associados; os fins da associação podem ser alterados livremente em assembleia e os dirigentes não recebem remuneração; elas são entidades de direito privado. (INCUBADORA SOCIAL, 2015).

A definição legal das associações se encontra no art. 53 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 “Constituem-se as associações pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos. Parágrafo único. Não há, entre os associados, direitos e obrigações recíprocos”.

Segundo Muñoz (2012), as associações podem ser classificadas em 3 grupos principais, de acordo com a sua finalidade: aquelas que não têm por fim o lucro, mas sim o interesse pessoal dos próprios associados; as que têm como objeto principal a realização de uma obra estranha ao interesse pessoal dos associados, seus associados podem visar interesse pessoal mas a finalidade primordial da associação é a de prover uma obra de caridade em benefício de terceiros; e as associações que têm por finalidade principal ficarem subordinadas a uma obra dirigida autonomamente por terceiras pessoas.

Em geral, a cooperativa assim como a associação, é uma sociedade de pessoas sem fins lucrativos, porém a cooperativa possui especificidade de atuação na atividade produtiva/comercial, além de viabilizar e desenvolver atividades de consumo, prestação de serviços, produção, crédito e comercialização que estejam de acordo com os interesses dos seus integrantes, ela tende a formar e capacitar seus associados para o trabalho e a vida em comunidade. Enquanto a associação busca representar e defender os interesses dos seus associados, ela estimula seus associados a buscarem uma melhoria técnica, profissional e social, além de realizar iniciativas de assistência social, promoção e educação (SEBRAE, 2014).

Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (2017), cooperativa é “uma organização constituída por membros de determinado grupo econômico ou social que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade”. As suas formas de organização são reconhecidas,

legalmente no Brasil, como a de empreendimentos coletivos. As premissas do cooperativismo são:

- Identidade de propósitos e interesses;
- Ação conjunta, voluntária e objetiva para coordenação de contribuição e serviços;
- Obtenção de resultado útil e comum a todos.

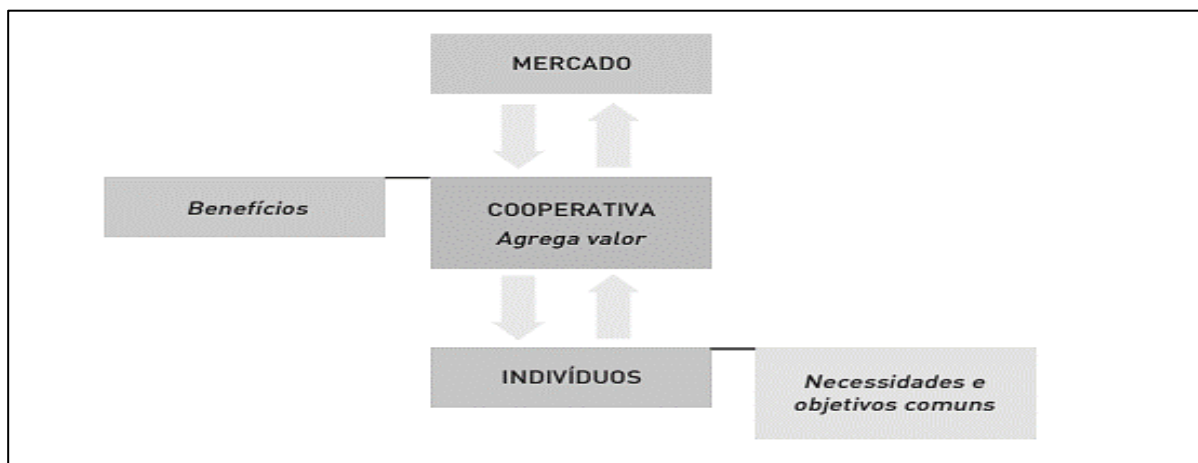
Isoladamente, investir em alguns projetos não é vantajoso devido aos custos, a burocracia e etc. Então, para tornar esse processo mais produtivo, insere-se o cooperativismo, isto é, formas de ações coletivas rurais. O que difere as cooperativas de outros tipos de associações de pessoas é o seu caráter essencialmente econômico (SEBRAE, 2014).

Para o cenário brasileiro, as cooperativas são importantes para auxiliar no desenvolvimento econômico e social do país, principalmente das pequenas propriedades rurais, uma vez que elas carecem de auxílio para que consigam se manter bem e produzindo no cenário competitivo.

os produtores que aderem às cooperativas agrícolas descobrem as vantagens de atuar coletivamente, principalmente nos momentos de compra dos insumos e de venda da produção. Adicionalmente, podem contar com o poder de reduzir custos com armazenamento e transporte (MAPA, 2017).

A figura 2 representa essa relação das cooperativas com o mercado e os indivíduos:

Figura 2- Esquema da relação das cooperativas.



Fonte: SEBRAE (2014).

No Brasil, é a Lei 5.764, de 16 de dezembro de 1971, quem “define a Política Nacional de Cooperativismo e institui o regime jurídico das sociedades cooperativas” (BRASIL, 1971).

Ela estabelece como características das cooperativas:

- (I) adesão voluntária, com número ilimitado de associados, salvo impossibilidade técnica de prestação de serviços;
- (II) variabilidade do capital social representado por quotas-partes;
- (III) limitação do número de quotas-partes do capital para cada associado, facultado, porém, o estabelecimento de critérios de proporcionalidade, se assim for mais adequado para o cumprimento dos objetivos sociais;
- (IV) inaccessibilidade das quotas-partes do capital a terceiros, estranhos à sociedade;
- (V) singularidade de voto, podendo as cooperativas centrais, federações e confederações de cooperativas, com exceção das que exerçam atividade de crédito, optar pelo critério da proporcionalidade;
- (VI) quórum para o funcionamento e deliberação da Assembleia Geral baseado no número de associados e não no capital;
- (VII) retorno das sobras líquidas do exercício, proporcionalmente às operações realizadas pelo associado, salvo deliberação em contrário da Assembleia Geral;
- (VIII) indivisibilidade dos fundos de Reserva e de Assistência Técnica Educacional e Social;
- (IX) neutralidade política e indiscriminação religiosa, racial e social;
- (X) prestação de assistência aos associados, e, quando previsto nos estatutos, aos empregados da cooperativa;
- (XI) área de admissão de associados limitada às possibilidades de reunião, controle, operações e prestação de serviços. (BRASIL, Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971, artigo 3º).

O cooperativismo, por sua vez, é um movimento econômico e social, entre pessoas, que conta com a participação dos associados nas atividades econômicas visando atingir o bem comum. Essa cooperação, tem como objetivo resolver os problemas e satisfazer as necessidades humanas. Desta forma, as associações rurais, as cooperativas e os condomínios rurais buscam resolver os problemas, como o alto custo, problemas de estoque etc., que os associados encontram para tocar os seus negócios.

As cooperativas, para alguns autores são consideradas como parte do associativismo brasileiro. Ganança (2006), afirma que as cooperativas possuem

finalidade lucrativa, e estão classificadas segundo o Cadastro Central de Empresas (CEMPRE) – do IBGE, como sendo de natureza jurídica 2, ou seja, de entidades empresariais. Para o autor, essa observação é importante pois, apesar das cooperativas serem figuras jurídicas diversas, muitas vezes os próprios objetivos e as configurações sociais que as criaram são muitos semelhantes as da criação de uma associação de produtores rurais. Da mesma forma, nesta definição, o condomínio rural se encaixa em uma das formas de associativismo, assim como o cooperativismo (FILIPPI, 2017; FILIPPI et al., 2018).

O foco deste estudo está associado ao condomínio de armazém rural, que se encaixa como uma ação coletiva rural e uma forma de associativismo rural. Desta forma, para fins desta pesquisa, foi estabelecida a importância de detalhar sobre o associativismo rural, o qual será melhor detalhado na próxima seção.

2.2.1. Associativismo Rural

A globalização pode ter trazido diversos benefícios para o mundo, se por um lado conseguiu integrar o mundo economicamente, socialmente, culturalmente e politicamente, por outro lado ela trouxe alguns malefícios, como a alta competitividade. Produzir o bastante e conseguir manter-se bem diante à concorrência são desafios que os produtores brasileiros têm que enfrentar sempre.

Dessa forma, para atenuar a concorrência e diminuir as dificuldades para um bom desempenho econômico, os pequenos produtores rurais têm a possibilidade de atuar coletivamente através de associações. Se associar pode melhorar a eficiência produtiva do produtor por meio de capacitação profissional e assistência técnica, pode incorporar tecnologias e melhorar o gerenciamento econômico-financeiro da atividade agropecuária. (SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL – SENAR, 2011).

Para Ganança (2006), o associativismo produtivo brasileiro é bastante influenciado pelo Estado, que por sua vez promove o incentivo a essa prática através de financiamentos, e afirma que ele possui uma característica eminentemente rural.

Para fortalecer seus negócios e expandi-los, os produtores encontram incentivos e empréstimos através de programas de bancos e órgãos públicos, que

por sua vez tendem a optar por aplicar seus recursos para associações de produtores e agricultores rurais, fortalecendo assim a teoria de que o associativismo rural possui bastante influência Estatal.

Além disso, o Pronaf (PROGRAMA NACIONAL DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR) também é um programa que vem auxiliando nesse crescimento, não obstante que essa pode ser uma explicação para o aumento considerado de associações de produtores rurais entre os anos de 1996 e 2002 no país (GANANÇA, 2006).

Além do incentivo do Estado, a participação comunitária pode acrescentar capacidade produtiva e comercial para os produtores rurais e através do investimento na construção de estruturas coletivas para beneficiar a todos. Dessa forma, os produtores investem no associativismo, que

Se constitui em alternativa necessária de viabilização das atividades econômicas, possibilitando aos trabalhadores e pequenos proprietários um caminho efetivo para participar do mercado em melhores condições de concorrência (MAPA, 2016).

Para o Mapa (2016), associativismo rural contribui para que a participação individual e familiar, grupal e comunitária, impulse a capacidade comercial e produtiva de todos os associados. Desta forma, os pequenos produtores, através do associativismo rural, possuem a possibilidade de trocar suas experiências e tem então a possibilidade de construir uma estrutura comum entre eles, permitindo assim que a capacidade de cada um seja somada e então eles consigam um maior retorno financeiro.

Uma associação quando legalmente registrada também oferece a seus associados a possibilidade de possuir voz ativa e se fazer ouvir na sociedade e nos espaços de decisão pública, como os conselhos municipais de desenvolvimento rural sustentável, de segurança, de educação, de meio ambiente, de saúde, entre outros. Desta forma, participar de uma associação representa para o trabalhador rural e suas famílias a oportunidade de representar os seus interesses em câmaras municipais, em políticas e programas governamentais, ou mesmo para obterem acesso a algumas linhas de crédito.

Assim, para obter sucesso na obtenção destes créditos, os produtores e trabalhadores rurais necessitam se organizar. A decisão do produtor rural de

participar de uma associação, deve ser, antes de qualquer coisa, uma escolha consciente de buscar caminhos próprios que atendam suas necessidades, interesses e objetivos comuns (SENAR, 2011).

Os pequenos produtores, quando unidos em associações, conseguem adquirir equipamentos e insumos com melhores prazos e menores preços, além de também permitir o uso coletivo de tratores, colheitadeiras, caminhões para transporte, etc. Estes recursos se tornam acessíveis quando divididos entre os produtores, além de permitir que eles saiam lucrando com essa decisão, uma vez que os seus esforços atuam na forma de compartilhamento de custos e em prol do benefício comum (MAPA, 2016).

Sendo importante para o desenvolvimento do país, além da ação dos produtores, a ação governamental através da criação de programas que despertem nos produtores o desejo de se associar. Além de criar e gerir políticas que fomentem a criação dessas associações e aumente a capacidade produtiva agrícola no país, tornando a lucratividade dos produtores maior, o custo de trabalho e de investimento menor e fazendo do Brasil um grande adversário no mercado competitivo nacional e internacional.

Segundo o Mapa (2016), são objetivos do associativismo rural:

- Desenvolver um projeto coletivo de trabalho;
- Defender os interesses dos associados;
- Produzir e comercializar de forma cooperada;
- Reunir esforços para reivindicar melhorias em sua atividade e comunidade;
- Melhorar a qualidade de vida e participar do desenvolvimento de sua região.

Desta forma, as associações rurais tendem a melhorar o trabalho dos pequenos produtores através de diversas formas de cooperação agrícola. Assim como as cooperativas se encaixam nessa perspectiva, os condomínios rurais também se encaixam como sendo uma forma de associação agrícola. Existem diversos tipos de condomínios rurais, que trabalham com diversos produtos agropecuários, como o condomínio de café, leiteiros, suínos, etc. No caso do café, Ortega e Jesus, 2011 apresentam o sucesso do condomínio de café no município de Patrocínio – MG, que através da criação do Conselho das Associações dos Cafeicultores do Cerrado (CACCER) foi possível a criação e o registro da marca

Café do Cerrado garantindo o sucesso da marca, a qualidade, obtendo convênios com entidades públicas e privadas para pesquisas, além da criação de infraestruturas e armazéns próprios.

A compra do Armazém em Patrocínio foi feita em sistema de condomínio, onde os agricultores adquiriram quotas-partes, o armazém garantiu aos condôminos em 1993 uma capacidade inicial para 180.000 sacos de café beneficiado, o que garantia um maquinário de benefício e padronização eletrônica para 1.200 sacas/dia. Atualmente, essa capacidade supera os 500.000 sacos ano e 3.000 sacas/dia (ORTEGA; JESUS, 2011).

No caso dos condomínios leiteiros, Tesche (2007), apresenta o caso de Sete de Setembro/RS, a necessidade da criação de um condomínio se deu para que os associados encontrassem um melhor preço na venda dos seus produtos através da venda em conjunto, além da necessidade de melhorar suas condições de armazenamento e comercialização, como consequência dessa associação, os condôminos conseguiram acessar recursos dos programas governamentais que contribuíram para a implantação de pastagens, aquisição de vacas e equipamentos, além deles terem adquirido um poder de intervenção maior junto ao município.

Outro exemplo de sucesso do condomínio rural é o caso do condomínio de floricultura em Joinville, que busca a ênfase não mais nos produtores, e sim no mercado de produtos, visando o aumento da oferta com a diminuição dos custos operacionais, uma vez que os produtores poderão dedicar menos tempo para vendas e mais em produzir melhor e mais (MATHIAS, 2007).

Os exemplos de condomínios apresentados a cima reforçam a ideia da importância dos condomínios rurais para a eficiência gerencial dos recursos, do aumento dos lucros, dos baixos custos de manutenção e investimento, além da melhoria na qualidade de vida da região em que estão localizados e da melhoria da produção dos produtores associados.

O foco desta pesquisa encontra-se no Condomínio Rural do tipo de Condomínio de Armazém Rural, seu conceito e panorama geral será melhor explorado no próximo item.

2.2.2. Condomínio de Armazém Rural

Segundo o artigo 7º do Estatuto Social De Condomínio De Produtores Rurais a sociedade de Condomínio

terá os seus atos constitutivos formalizados de acordo com os artigos 3º e 14, caput, do Estatuto da Terra; artigos 45 e 46 do Novo Código Civil e demais leis aplicáveis à espécie, e de agora em diante passa a ser chamada simplesmente de "CONDOMÍNIO" (CONTEÚDO JURÍDICO, 2010).

E tem como um de seus princípios cumprir e fazer cumprir a função social da propriedade rural, nos termos do art. 186 da Constituição Federal que é a de:

Art. 186 A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos:
(I) aproveitamento racional e adequado;
(II) utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;
(III) observância das disposições que regulam as relações de trabalho;
(IV) exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores. (BRASIL, 1988)

Dessa forma, um Condomínio Rural é caracterizado por grupos de pequenos produtores que buscam, através do associativismo, alavancar seus negócios e se inserir no mercado competitivo. Ele tem sido uma das formas associativistas aplicadas para reunir esforços e potencializar determinada atividade entre agricultores familiares (OLIVO; POSSAMAI, 2000).

Esse tipo de associação é um modelo relativamente novo, dessa forma a existência de estudos e conceitos estruturados sobre os Condomínios de Armazéns são poucos. Porém há uma definição no decreto da Presidência da República nº 3.993, de 30 de outubro de 2001, em seu artigo 2º, que define o Condomínio como:

Agrupamento de pessoas físicas ou jurídicas constituído em sociedade por cotas, mediante fundo patrimonial pré-existente, com o objetivo de produzir bens, comprar e vender, prestar serviços, que envolvam atividades agropecuárias, extrativistas vegetal, silviculturais, artesanais, pesqueiras e agroindústrias, cuja duração é por tempo indeterminado (BRASIL, 2001).

Para Olivo e Possamai (2000), o Estado do Rio Grande do Sul foi um dos pioneiros no país na implementação dessa forma de associativismo e afirmam que em 1988 o governo do Estado instituiu um programa que tinha por objetivo estimular

a criação de diversas formas associativas entre pequenos produtores, entre elas a criação de Condomínios rurais.

Segundo pesquisas feitas por Filippi (2017), Filippi et al. (2018) e Filippi e Guarnieri (2018), os Condomínios de Armazéns Rurais são uma nova forma de organização que possuem características semelhantes ao associativismo e trazem consigo diversas vantagens, oportunidades e benefícios.

Com a formação de Condomínio de Armazém Rural, além da maior capacidade do produtor de poder de se inserir no mercado competitivo, o produto agrícola que pertence aos associados dos Condomínios de Armazéns tende a possuir maior padronização e qualidade, o que torna o produto destes, superior, aos produtos agrícolas de concorrentes que não fazem parte do Condomínio. Logo, a vantagem de inserção do produtor associado ao Condomínio de Armazém Rural no mercado, e seu índice de competitividade será maior sobre os demais (FILIPPI, 2017; FILIPPI; GUARNIERI, 2018; FILIPPI et al., 2018). Para a criação deste tipo condomínio é necessário que sejam seguidas algumas etapas: um grupo dos produtores juntam-se em condomínio e planejam a construção do complexo de armazenagem e secagem que irá favorecer o grupo, tendo como base a produção atual e futuro do grupo; os condomínios são então formalizados legalmente, registrando a empresa e definindo o seu estatuto; logo após eles adquirem em conjunto a área física onde ficará a estrutura do armazém; depois definem qual será a forma de custeio do projeto, se será realizada com recursos próprios ou por financiamento; é construída então a infraestrutura com base em um projeto de engenharia; e então os custos de investimento e de manutenção da infraestrutura são divididos (FAEP, 2014).

Para a FAEP (2014) todo esse processo garante que os custos de investimentos e armazenagem sejam menores, bem como permite aos produtores a comercialização dos seus insumos em períodos que lhe garantam melhor rentabilidade.

O condomínio de Armazém Rural também auxilia na interferência de terceiros sobre as ações dos produtores, pois com a sua criação, os condôminos tendem a ser os responsáveis por suas próprias decisões, aumentando assim a produção e a produtividade; ele auxilia na resolução de problemas; estimula a inovação tecnológica; melhorias; e traz uma facilidade ao acesso e adoção de novas

tecnologias, tudo isso através da coletividade que gera entre os produtores rurais, criando assim uma interação entre eles através de debates sobre experiências e ideias individuais que se compartilhadas podem criar uma rede de inovação que beneficiará a todos os condôminos (FILIPPI, 2017; FILIPPI; GUARNIERI, 2018; FILIPPI et al., 2018).

Através da criação do Condomínio de Armazém Rural, o grupo também adquire força financeiramente e economicamente, pois os produtores rurais garantem melhor preço do produto, auxiliam na comercialização, reduzem custos, conseguem maior acesso a financiamentos, e como consequência os seus produtos adquirem maior valor de mercado e maior lucro para o produtor rural (FILIPPI, 2017; FILIPPI; GUARNIERI, 2018; FILIPPI et al., 2018).

Outro benefício que o condomínio tem a oferecer é o de ser uma alternativa às cooperativas que recebem grãos para estocagem, pois elas tendem a pressionar os produtores rurais, negociando e fixando preços à sua maneira, além de reter uma pequena parcela agrícola na entrega (SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA, 2015).

Ainda segundo entrevista feita pela FAEP (2014), além do alto custo com as cooperativas em si, os produtores necessitavam de entrar em filas para entregar seus produtos nas cooperativas e nos armazéns, o que encarecia o custo do transporte. Os produtores também perceberam que a cada cinco anos, a quantidade de gastos que eles têm com terceiros, é equivalente ao total de gastos para que eles possam investir em seu próprio negócio de armazenagem e comercialização.

A FAEP (2014), mostra que em 2006 as taxas de juros para o financiamento da criação dos armazéns giravam em torno de 13,95% ao ano, e em 2014 as taxas já estavam bem menores, giravam em torno de 4,5% a.a. O condomínio de Armazenagem Rural ainda é um movimento pequeno no país, mas que tende a crescer e beneficiar várias outras pessoas, uma vez que, o país vem investindo cada vez mais em programas que auxiliam no desenvolvimento rural e exportador do país e no apoio aos pequenos produtores. Além desses benefícios, o próximo quadro elucida algumas outras vantagens dos Condomínios de Armazéns Rurais

Quadro 1 – Vantagens dos Condomínios de Armazéns Rurais.

i) a classificação dos grãos no momento da comercialização (ponto de divergência que existe entre os produtores de grãos e armazenadores/cooperativas);
ii) economia com transporte e fretes caros em épocas de pico de colheita (causado pelas filas formadas em cooperativas e armazéns, portanto, menor produtividade no campo com a colheita
iii) redução de custo com transporte, já que, os integrantes são todos vizinhos e tem caminhões próprios;
iv) maior tempo para o produtor investir na agricultura, pois, o grupo torna mais fácil a administração do empreendimento;
v) geração de empregos (contração de mais funcionários em picos de safra);
vi) vantagem com a compra de insumo (como o volume solicitado é maior, o grupo consegue descontos e prazos melhores);
vii) valor agregado ao produto, em que, o Condomínio define o padrão da semente e variedade a ser plantada de acordo com as orientações técnicas e tendência do mercado visando alta produtividade e qualidade do produto;
viii) maior rentabilidade sobre a produção, garantia de receber o bom produto produzido ao direcionar o produto para outra atividade (por exemplo, alimentação animal, visto que na Cooperativa, o silo recebe quantidades grandes de grãos e de diversas qualidades);
ix) maior acesso às condições de financiamento, pois o grupo oferece maiores garantias (bens) aos bancos que concedem o dinheiro e melhores taxas de juros.

Fonte: FAEP (2014)

De acordo com o quadro 1, os Condomínios também possuem outras vantagens como: (i) a classificação dos grãos no momento da comercialização; (ii) economia com transporte e fretes caros em épocas de pico de colheita; (iii) redução de custo com transporte; (iv) maior tempo para o produtor investir na agricultura; (v) geração de empregos; (vi) vantagem com a compra de insumo; (vii) valor agregado ao produto; (viii) maior rentabilidade sobre a produção; (ix) maior acesso às condições de financiamento.

3. Métodos e Técnicas de Pesquisa

O processo de desenvolvimento do método científico segue um conjunto de regras básicas que buscam através de experiências produzir novos conceitos. Dessa forma, a pesquisa pode ser definida como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico (GIL, 2008). Enquanto, para Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa é “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

A metodologia aplicada a esta pesquisa foi embasada em revisão sistemática da literatura, análise de conteúdo e estudo de caso. Conforme Bardin (1977), a análise de conteúdo difere-se da análise documental, uma vez que a primeira trabalha com a informação condensada, e a segunda com a informação para consulta e armazenagem. Dessa forma, a análise de conteúdo é a "manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores de permitam inferia sobre uma outra realidade que não a da mensagem" (BARDIN, 1977).

A análise de conteúdo desse trabalho foi feita através de coleta de dados primários, por meio de entrevistas, e análise de documentos governamentais. Além dos métodos citados acima, um mesmo roteiro de entrevista semiestruturado foi elaborado como instrumento de coleta de dados e aplicado a dois entrevistados.

Essa seleção se deu a partir dos dois órgãos mais importantes da região Oeste da Bahia no cenário da soja, sendo um órgão público e outro privado e de acordo com a relevância dos cargos que ocupam dentro das respectivas organizações. Os entrevistados foram, o executivo da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba) e o integrante da Secretaria de Agricultura do município de Barreiras – BA, para prospectar sobre a existência de algum condomínio de armazém rural no Oeste Baiano, pelo fato da região pertencer ao MATOPIBA, tido como a nova fronteira agrícola do Brasil, além do potencial de implantação de algum condomínio nessa região.

3.1. Tipologia e Descrição Geral dos Métodos de Pesquisa

Esta pesquisa constitui-se como sendo de natureza aplicada. É descritiva, pois, além da etapa da pesquisa exploratória através das entrevistas com os profissionais e leitura de artigos e livros que auxiliaram na construção do material de pesquisa, ocorreu um levantamento e observação sistemática do problema escolhido a fim de descrever o fato (SANTOS, 2000).

A abordagem escolhida foi a qualitativa, onde seu procedimento de coleta necessita de um tratamento lógico secundário do pesquisador através do seu "olho clínico" (SANTOS, 2000). Esse é um método de pesquisa exploratório, onde não são abordados resultados numéricos, mas sim resposta, pensamentos e questionamentos muito particulares, e trabalha com o meio dos significados, dos motivos, das ideias, das crenças, dos valores, das atitudes (MINAYO, 2009), enquanto a pesquisa quantitativa tende a quantificar os resultados, avaliar opiniões de forma numérica e trata de pesquisas com perguntas bastante objetivas.

O presente estudo visa identificar se o Oeste Baiano possui algum condomínio de armazém rural ou possível condições para sua implantação na região.

O procedimento de coleta de dados utilizado foi o da entrevista semiestruturada. Para Minayo (2001), através desse procedimento podemos obter dados objetivos e subjetivos importantes para uma pesquisa. E que ele em um primeiro momento caracteriza-se como uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala, enquanto em um outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico, dessa forma ela deve ser focalizada e apresentar um caráter neutro.

3.2. Caracterização da Organização, setor ou área, Indivíduos Objeto do Estudo

A Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba) foi fundada em 1990, com 16 associados, e atualmente, a entidade figura-se como a principal entidade representativa da região, reunindo mais de 1.300 produtores e

representando cerca de 95% da força de produção em 2,25 milhões de hectares plantados.

A entidade tem sua sede localizada em Barreiras e tem como missão, promover o desenvolvimento do agronegócio no estado da Bahia de forma sustentável, integrada e socialmente responsável, atendendo às necessidades dos associados além de também desenvolver a região através da união de esforços e na afirmação de potenciais para defender e representar o setor. Para tanto, reuniu líderes capazes e determinados, assessoria e consultoria qualificados, equipe de trabalho, buscou condições para produzir e crescer, a partir de um modelo próprio e sustentável de pesquisa e tecnologia, melhoria da infraestrutura, dados confiáveis e busca dos direitos dos produtores nas mais diversas áreas (AIBA, 2019).

A Aiba conta, atualmente com 78 funcionários, que são divididos entre cargos de Diretoria; Conselho Fiscal; Conselho Técnico; Conselho Consultivo; Conselheiros Convidados; Delegados Regionais, os quais estão divididos por entre vários municípios do Oeste baiano como: Riachão das Neves, Correntina, Barreiras, São Desidério entre outros e; Estrutura Executiva. A Associação conta com o Sr. Celestino Zanella como seu presidente.

Ao longo dos seus 28 anos, a Aiba construiu uma história exitosa, similar à da própria região. O pioneirismo, o arrojo, o profissionalismo e a capacidade criativa para encontrar soluções, ao lado do embasamento técnico, da credibilidade e do compromisso com o segmento e com o Oeste baiano são características da Aiba.

Outros êxitos foram registrados no plano jurídico e nos campos logístico, ambiental, social e de comercialização, em gestões nas esferas públicas e financeiras e na integração de ações, com as forças locais e regionais que através dessa integração auxiliam no fortalecimento da visão de manter o status de que a entidade trabalha para a difusão da imagem positiva do agronegócio da Bahia em todos os mercados.

3.3. Participantes da pesquisa

Para essa pesquisa foram selecionados dois entrevistados de organizações distintas, da AIBA e da Secretaria de Agricultura do município de Barreiras - BA.

Eles foram selecionados de maneira aleatória pelas próprias organizações, infere-se que essa escolha foi realizada pelo alto e relevante conhecimento que os entrevistados possuem sobre os produtores da região, as empresas e suas ações, uma vez que eles apresentaram durante as entrevistas bastante coerência, segurança e experiência em seu espaço de fala, bem como informações sobre a existência de condomínios de armazém rural na região, o potencial e o interesse de implementação deste modelo no Oeste Baiano.

A entrevista foi realizada com dois homens na faixa etária entre 30 a 40 anos, os dois são engenheiros agrônomos e ocupam cargos estratégicos dentro de suas respectivas organizações e com uma mulher, na faixa etária de 30 a 40 anos, via contato telefônico, a qual foi contactada como sendo membro do possível Condomínio Rural familiar que o entrevistado A cita em sua entrevista. O entrevistado da AIBA possui o cargo de Assessor de Agronegócio e trabalha na associação há pouco mais de 8 anos, enquanto o segundo entrevistado, funcionário da Secretaria de Agricultura de Barreiras, ocupa o seu respectivo cargo há pouco mais de 3 anos.

As entrevistas auxiliaram a pesquisa com informações sobre esse tipo de associação na região e foram realizadas na sede dos referentes órgãos citados anteriormente.

3.4. Caracterização e descrição dos instrumentos de pesquisa

Segundo Minayo (2009), a metodologia de uma pesquisa possui vários processos simultaneamente, onde o método, as técnicas, experiência, capacidade pessoal e sensibilidade do pesquisador devem andar juntas.

O estudo de caso, para Yin (2001, p.27) “é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes”. Enquanto para Gil (2008), o estudo de caso tem como característica o estudo profundo e exaustivo sobre um ou pouco objetos. O estudo de caso contribui para a validação de pesquisas através do seu viés de profundidade para com o levantamento de informações acerca de fenômenos atuais que ainda não foram entendidos ou estudados.

Segundo Yin (2001) utilizar o estudo de caso como estratégia de pesquisa consta como um método que abrange tudo, pois sua investigação

enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado; baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado; beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.

Para auxiliar no estudo de caso, são utilizadas técnicas de pesquisa, que para Bastos (1999, p.83) são um “conjunto de normas ou preceitos usados especificamente pela ciência na busca de seus propósitos”. Esta é a parte prática que busca material que se encaixe e seja fundamental para o estudo. A “técnica é a instrumentação específica da coleta de dados” (ANDRADE, 1995).

Existem várias técnicas que podem ser utilizadas no estudo de caso, como: a observação, aplicação de questionários, entrevistas, etc.

Lakatos (1991) afirma que a entrevista trata-se de um encontro entre duas pessoas onde uma delas coleta informações a respeito de um determinado assunto, esse encontro é regido por uma conversa de natureza profissional.

Segundo Minayo (2001), a entrevista a priori é caracterizada como uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Em um outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico. Esse procedimento é importante, pois, por meio dele podemos obter dados objetivos e subjetivos que são importantes para uma pesquisa.

A entrevista é o procedimento que é mais utilizado nas pesquisas de campo. Assim, a entrevista deve ser focalizada e apresentar um caráter neutro. Minayo (2001), afirma que ela não significa uma conversa despretensiosa, pois ela funciona como um meio de coleta dos fatos relatados pelos atores enquanto sujeitos-objeto da pesquisa, ou seja, os entrevistadores vivenciam uma determinada realidade que está em foco naquele momento.

Dessa forma, para essa pesquisa foi utilizada a entrevista semiestruturada, permitindo que o levantamento de dados fosse em maior extensão e mais fluido.

Além da utilização de análise documental para complementar a discussão dos resultados, com dados e relatórios governamentais.

A entrevista foi realizada através de um roteiro de pesquisa semiestruturado (Apêndice A) dividido em 3 seções, sendo a primeira seção composta de 8 itens que tinham por objetivo entender as características dos produtores rurais e da própria região do Oeste da Bahia. A segunda seção era composta por 9 itens, que procuravam entender sobre a logística e a forma de armazenagem da soja no Oeste baiano, bem como sobre os gargalos e o déficit que a região apresenta quanto a essas questões.

A terceira e última seção era composta por 8 itens que tinham como objetivo promover a identificação e a caracterização dos condomínios rurais no Oeste baiano, além da visão que os entrevistados possuem sobre esse assunto, a sua contribuição para os produtores e região e sua contribuição para diminuir os gargalos da armazenagem. O roteiro de entrevista semiestruturado foi formado por 3 seções, totalizando ao final, 25 perguntas.

A elaboração das perguntas foi feita com base nos objetivos desta pesquisa, para identificar a existência de algum condomínio de armazém rural e qual o potencial que esse modelo possui no Oeste Baiano. Logo as perguntas buscavam questões sobre ações coletivas, logística, custo, armazenamento, entre outras informações relevantes para esta pesquisa.

3.5. Procedimentos de coleta e de análise de dados

Para analisar os resultados de uma pesquisa, é preciso que seja feita uma interpretação analítica dos dados obtidos, observando o seu referencial teórico e os resultados que foram obtidos durante o processo de análise (SANTOS, 2000). A análise de conteúdo foi a maneira escolhida como procedimento para esta pesquisa, que segundo Bardin (1977) é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Para ela, esses procedimentos servem para descobrir ou suscitar os vestígios que os documentos possuem.

Para ter conhecimento sobre a existência e a implantação dos condomínios de armazéns rurais no Oeste baiano, a informação para junto dos órgãos foi de que era necessário realizar a entrevista com alguém que possuísse um bom conhecimento sobre as características dos produtores da região bem como sobre a própria região. A escolha dos entrevistados foi de total responsabilidade do órgão. O

primeiro contato foi realizado com os órgãos alguns dias antes da realização das entrevistas, no final de março início de abril de 2019, indicando superficialmente sobre o que se tratava a pesquisa e a importância e conteúdo das entrevistas. As entrevistas foram aplicadas no início do mês de abril.

Para todas as entrevistas foi entregue um documento que informava sobre a importância da pesquisa e qual o seu conteúdo. A média das entrevistas foi de uma hora e meia, elas foram gravadas e a posteriori transcritas, para auxiliar na análise dos resultados, os dois entrevistados autorizaram a gravação da entrevista. Após transcrita, o pesquisador realizou a análise de conteúdo do material como orienta Bardin (1977).

4. Resultado e Discussão

O objetivo geral desse trabalho é identificar a existência e potencial de condomínios de armazéns rurais no Oeste Baiano. Dessa forma, nessa seção serão apresentados os resultados e discussão. Para manter sigilo sobre a identidade dos entrevistados, os mesmos serão tratados pelas letras A e B. A letra A fará referência ao entrevistado da AIBA e a letra B será referente ao entrevistado da Secretaria de Agricultura de Barreiras.

4.1. Análise do Estudo de Caso

Para Yin (2001) o estudo de caso serve para investigar um fenômeno dentro do seu contexto e principalmente para definir claramente os limites entre esse fenômeno e o contexto o qual ele está inserido.

Para investigar informações sobre Condomínios de Armazéns Rurais no Oeste da Bahia através do contexto atual dessa região serão apresentados nesse capítulo dados retirados da entrevista aplicada, confrontando-os com o referencial teórico e documentos que validam as informações passadas pelos entrevistados A e B.

A fim de facilitar a análise e a exposição dos resultados, eles foram separados em seções com três categorias, cada categoria busca identificar junto a AIBA e a Secretaria de Agricultura de Barreiras a existência de Condomínios de Armazéns Rurais no Oeste Baiano e qual o potencial que essa região apresenta para implementar essa forma de associativismo, uma vez que esses órgãos possuem informações confiáveis e relevantes sobre os produtores, as organizações rurais e a maneira que eles trabalham organizam-se entre si. Podendo assim apresentar respostas aos objetivos deste trabalho.

A primeira seção busca entender as principais características da região e dos produtores. A segunda seção investiga o processo de armazenagem e a logística aplicada para a realização do armazenamento da soja no Oeste Baiano. A última seção procura identificar os condomínios rurais do Oeste da Bahia e a caracterização dos mesmos.

4.1.1. Categoria 1: características dos produtores rurais e região

A primeira categoria conta com perguntas que norteiam a entrevista para descobrir quais são as características dos produtores rurais do Oeste da Bahia bem como as características da própria região. As perguntas realizadas durante o procedimento da entrevista serão expostas no quadro 2.

Quadro 2 – Roteiro sobre a característica dos produtores rurais e região

Perguntas	Núcleo de sentido	Instrumento
• Existe em média quantos produtores nessa região?	Caracterização dos Produtores	Entrevista
• O custo de produção costuma ser muito elevado?	Custo de Produção	
• Qual área normalmente de cultivo destes produtores rurais?	Caracterização dos Produtores	
• São produtores exclusivamente de soja?	Caracterização dos Produtores	
• Os produtores rurais são associados a alguma Ação Coletiva Rural (Cooperativa, Cerealista, Condomínio Rural ou algum outro tipo de Ação Coletiva Rural)? Quais? - Eles próprios custeiam a manutenção da estrada?	Ações Coletivas	
• Qual o perfil de produtores rurais da região (pequeno, médio ou grande) como é feita essa classificação?	Perfil dos Produtores	
• A região conta como ações coletivas rurais? Quais?	Ações Coletivas	
• O Oeste Baiano tem uma cultura Associativista?	Ações Associativistas	

A primeira pergunta buscava saber qual era a média de produtores na região Oeste da Bahia. O entrevistado A informou que nas principais culturas da região que são elas: soja, milho e algodão, a quantidade de produtores gira em torno de 800 produtores no total, e que cerca de 150 são produtores de algodão e o restante fica dividido entre o cultivo de soja e milho.

Enquanto o entrevistado B informou que a Secretaria de Agricultura é montada com o intuito de fomentar e atuar na agricultura familiar e que esses produtores de soja possuem uma estrutura organizacional própria, o que faz com que eles tenham somente algumas parcerias por questões ambientais e para poder tentar ter aproximação entre essa cadeia produtiva que é o agronegócio e agricultura familiar local.

Logo, devido ao tamanho da região e da sua área de cultivo se estabelece um sistema de monocultura onde prevalece uma forma de empreendedorismo no qual existem muitas terras nas mãos de poucos produtores, o que os torna não

dependentes da Secretaria de Agricultura. Dessa forma, eles não possuem dados quantitativos sobre essa informação e quando necessitam deles recorrem ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e as duas instituições que estão instaladas no município de Barreiras, a AIBA ou a ABAPA.

A próxima pergunta gira em torno do custo de produção da soja e dos demais grãos e procura saber se esse custo costuma ser elevado. Para o entrevistado A, a região tende a ser mais suscetível a pragas, o que acaba tornando o controle dessas pragas um pouco mais caro para os produtores do oeste baiano do que para os produtores das demais regiões. Outra questão que ele apresenta como fator de aumento do custo de produção é a da escolha da logística que deve acompanhar as características do local, pois segundo ele a região possui escoamento predominantemente rodoviário apesar de ter condições de usar os modais ferroviário e hidroviário, caso houvesse investimentos.

Em outro momento, o entrevistado A afirmou que o escoamento dos grãos da região é feito sobre caminhões através das rodovias que ligam o Oeste Baiano até os principais locais de destinação, a exemplo dos portos em Salvador e das fazendas de armazenagem. O entrevistado B disse que não possui um parâmetro desse custo, pois como disse anteriormente, precisaria buscar esses dados no IBGE.

Segundo Bowersox e Closs (2001) a competência operacional se dá através de uma qualidade predefinida de serviço e afirma que a logística existe para satisfazer as demandas dos clientes, auxiliar nessa qualidade, e que se bem implementada pode equilibrar as expectativas de serviços e gastos. Dessa forma, uma boa escolha na logística pode elevar um pouco os custos de produção. Porém, os produtores da região podem alcançar o equilíbrio desses custos, se levar em consideração questões como custo/benefício, uma vez que a logística também pode auxiliá-los a não perderem a maioria dos seus produtos para as pragas, o que se acontecesse tenderia a apresentar um maior custo para eles, uma vez que perderiam boa parte de sua produção.

Quando questionados sobre a área de cultivo que esses produtores dispõem e se são somente produtores de soja, o entrevistado A informou que em média eles possuem uma área de 3 mil hectares, que estão divididos em produtores só de soja e de soja e milho.

Além deles cultivarem outras culturas após a temporada da soja; como feijão, milho, sorgo existem também os produtores que plantam as três culturas ao mesmo tempo, de algodão, soja e de milho. B não respondeu a pergunta sobre a área de cultivo dos produtores, quanto a outra pergunta, respondeu que apesar da soja ser o “carro chefe” da região, os produtores não são exclusivamente produtores de soja, mas também de milho e algodão, formam os três principais *commodities* da região. Mas além desses três, possuem produtores de café e de trigo, este último ainda em fase de estudo e instalação, porém já existe produção desse insumo.

A estimativa da área plantada de soja, no Brasil, na safra de 2017/2018 era de uma produção de mais de 110 milhões de toneladas. Outra estimativa era a de que essa safra devia ocupar mais de 35 milhões de hectares (REVISTA CULTIVAR, 2017). A Região Oeste da Bahia faz parte dessa estimativa e possui uma representação considerável na safra de grãos de 2017/2018 do país, como apresenta os dados extraídos da AIBA na tabela 1.

Tabela 1 - Produção de grãos no Oeste da Bahia

Produtos	Produção	
	Toneladas	%
TOTAL	8 000 000	100
Soja	5 300 000	55,25
Algodão	1 500 000	18,75
Milho	1 200 000	15

Fonte: Adaptada pelo autor (Dados AIBA 2019)

A quinta pergunta procurava saber se os produtores rurais são associados a alguma Ação Coletiva Rural, e em caso afirmativo, em quais. Ambos os entrevistados citaram que os produtores possuem associação com a AIBA, o entrevistado A disse que essa participação gira em torno de 90% dos produtores, além dos produtores que possuem as suas próprias associações e dos que participam dos Sindicatos Rurais e outras associações.

O entrevistado B citou a possibilidade de produtores ligados ABAPA também. Para o Mapa (2016), essa forma de associação rural pode contribuir para que a participação individual e familiar, grupal e comunitária, impulse a capacidade comercial e produtiva de todos os associados. Contribuindo também com a economia e visibilidade da região ao qual estão inseridos esses produtores.

As próximas perguntas eram sobre o perfil de produtores rurais da região, se eram de pequeno, médio ou grande porte, como é feita essa classificação, se a região conta com ações coletivas rurais e quais. O entrevistado B não respondeu a esses dois questionamentos.

O entrevistado A disse que para responder a primeira pergunta eles se baseiam pela área cultivada, considerando a maioria como grandes produtores, porém com a presença de médios e pequenos também, pois variam as áreas entre 300, 3 mil e 100 mil hectares. O grande produtor está envolvido no agronegócio, enquanto o pequeno mais voltado para a agricultura familiar. Enquanto para ele as ações coletivas na região estão envolvidas com ações de recuperação de estradas, de preservação ambiental, de logística, trabalhista e social. Desenvolvidas não só pelas associações como também pelos sindicatos do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural):

“que está em evidência a questão do Funrural, é uma ação que estão aqui pela associação, estão no sindicato, então ééé..tudo que for de interesse do produtor ééé...fortalecido pela associativismo” (ENTREVISTADO A, 2019).

A última pergunta dessa categoria era se o Oeste Baiano possui uma cultura associativista. O entrevistado A disse que sim. O entrevistado B também concordou que a região possui uma cultura associativista e afirmou que essa cultura se dá justamente pela característica do nordeste em si, essa característica de dificuldade que faz com que os produtores busquem o sistema de associação e cooperativismo para driblar as problemáticas da região, embora considere que a região ainda seja carente desse sistema.

Ele ainda cita a AIBA e a ABAPA como exemplos, alegando que quando essas associações, que vieram da região Sul e Sudeste do país, foram instaladas nessa região, em meados dos anos 70, 80, apesar da questão da facilidade da terra que são planas e possuem pluviosidade nas partes gerais, ele afirma que a “coisa” na região era muito difícil devido a um vazio que as terras apresentavam e precisava de uma “colonização” dessas áreas, colonização que só seria possível com essa forma de associativismo que eles trouxeram de lá.

4.1.2. Categoria 2: logística e armazenagem da soja no oeste baiano

Essa próxima sessão tem como objetivo entender e averiguar como se dá o processo de logística e armazenagem da soja na região. Para uma melhor compreensão dos resultados apresentados, será exposto no seguinte quadro 3, as perguntas norteadoras, da categoria 2, da entrevista.

Quadro 3 – Roteiro sobre logística e armazenagem da soja no Oeste Baiano

Perguntas	Núcleo de sentido	Instrumento
• Como funciona a logística do armazenamento da soja na região?	Logística	Entrevista
• Existe déficit com armazenagem na região?	Armazenamento	
• Os armazéns da região estão em condição adequada (condições físicas e estruturais)?	Armazenamento/Logística	
• Quais são os principais gargalos logísticos enfrentados pelos produtores neste processo de armazenagem?	Armazenamento/Logística	
• Os locais de armazenamento se mostram adequados em todo esse processo logístico? Comente.	Armazenamento/Logística	
• O tipo de armazenagem está adequado pensando no custo logístico e gargalos? Por quê?	Armazenamento/Logística	
• Qual alternativa o produtor local tem quando necessita de armazenamento de grãos?	Armazenamento	
• Qual a principal destinação da produção local de soja?	Logística/Produção	
• De que forma é escoada a produção? Qual a predominância de cada modal?	Logística/Produção	

Como resposta a pergunta 1, o entrevistado A informou que para armazenar a soja, os produtores utilizam duas formas principais para tais, a forma de *tradings*, onde logo após a colheita já depositam os seus grãos nesses armazéns particulares, e a outra maneira seria nos armazéns próprios que alguma porcentagem de produtores possuem, porém ele salienta que essa segunda maneira é bem deficitária e deve atender a menos da metade da produção.

Por outro lado, entrevistado B disse que a melhor maneira de obter essa informação seria através de uma visita até a AIBA, pois lá a encontraria. Contudo ele tentou responder a pergunta através da percepção que tem da região e informou que a região possui silos, mas talvez não em quantidade suficiente, por isso quando ocorre a colheita da soja e não possui espaço suficiente para a armazenagem ela é transportada para o porto de Aratu e Paranaguá onde é escoada, enquanto boa

parte dos grãos, os que permanecem na região, são transportados e armazenados em silos da CARGILL e da BUNGUE (o que corrobora com as informações do entrevistado A), que são multinacionais instaladas na região e recebem parte dessa produção onde é processada como mostra a figura 3 e 4.



Figura 3: Silo metálico



Figura 4: Silo bolsa

A figura de número 3 diz respeito ao silo metálico, indicado para armazenar grãos após processo de secagem para retirada do excesso de umidade, possui maior capacidade de armazenamento em menos superfície, pode armazenar os grãos por mais tempo, pois possui boa ventilação e controle de temperatura, além de ter uma maior facilidade para a descarga (SILOS CÓRDOBA, 2013).

Enquanto a figura de número 4 é um exemplo de silo bolsa, que apesar de tratar-se de um tipo de armazenagem horizontal também possui suas vantagens, como oferecer autonomia ao produtor que pode estocar a safra na sua própria

propriedade rural, ou perto, de forma segura. Dessa forma o produtor não tem custo com transporte. Bem como auxilia no custo-benefício da armazenagem, pois

A armazenagem em silo-bolsa proporciona ao produtor uma economia de 40% sobre a estocagem em silo fixo, e de 80% em terceiros e dispensa a contratação de frete entre a fazenda e a cooperativa/*trading* no período de colheita (AGRISHOW DIGITAL, 2019).

As duas próximas perguntas são sobre a existência de déficit com armazenagem na região e se os armazéns da região estão em condições físicas e estruturais adequadas. O entrevistado B não respondeu a segunda pergunta e quanto a terceira disse que não teria condições de dar essas informações, mas que seria possível encontrá-las junto as associações. Porquanto o entrevistado A informou que existe sim um déficit de armazenagem tanto nas *tradings* quanto dentro das próprias propriedades, por isso usam-se muito os silos bolsa, porém, eles só podem ser usados nas colheitas do fim da safra, quando chove menos e a soja está com umidade baixa.

Dessa forma, como possuem limite de armazenagem, a exportação tem que ser logo providenciada, assim a logística de transporte é feita através de caminhões até o porto de Aratu, em Salvador, e depois embarcado de navio para exportação.

Ele salientou a importância de a logística não poder falhar, pois como a armazenagem é deficitária depende desse escoamento para dar espaço a soja que já está sendo colhida, além de depois do silo bolsa, ter que ser mandada imediatamente para o armazém. A fala do entrevistado A corrobora com a visão de Gentil e Martin (2014) que afirmam que um dos maiores problemas atuais que os produtores enfrentam é com a questão do armazenamento de suas *commodities*, pois o Brasil não é um país que estava preparado para enfrentar os gargalos que o aumento da sua produção e seu crescimento no cenário mundial competitivo de exportadores ocasionou para o país.

Quanto a terceira pergunta ele afirmou que as condições dos armazéns são boas e todos funcionam.

A pergunta de número quatro buscava saber quais são os principais gargalos logísticos enfrentados pelos produtores neste processo de armazenagem. O entrevistado A disse que começa na época da colheita, pois é um momento que chove e as estradas vicinais ficam péssimas, e quando o produtor não tem armazém próprio às chuvas dificultam o transporte dos grãos da fazenda para o armazém.

Então as associações tendem a mexer bastante com a recuperação de estradas para diminuir esse problema para então levar a soja para Salvador que fica cerca de 900 km de distância, além da dificuldade de levar os grãos por essa estrada em época de chuva, existe também a dificuldade do carregamento de navio, onde no porto de Aratu só tem um berço para o carregamento, uma vez que o início da exportação também coincide com o período chuvoso em Salvador e como a carga não pode molhar, carregar os navios em época de chuva é bastante dificultoso.

Enquanto para o entrevistado B o principal gargalo é a questão financeira, como a falta de investimento pelas entidades financeiras locais, além da dificuldade de acessar o crédito para esse fim. Ele disse que a produção de soja da região é bastante expressiva e que por falta desses investimentos acaba ocorrendo uma falta de silos na região.

É de extrema importância que as entidades financeiras e os produtores tenham conhecimento de programas governamentais que possam auxiliá-los a obter melhorias no que tange o armazenamento dos seus grãos, como é o caso do MAPA (2018) que oferece financiamento de construção de armazéns nas propriedades de produtores de pequeno e médio porte com taxas de juros que os favorecem, pois assim esses gargalos poderiam ser sanados com a construção de mais e maiores silos de maneira que beneficie a todos.

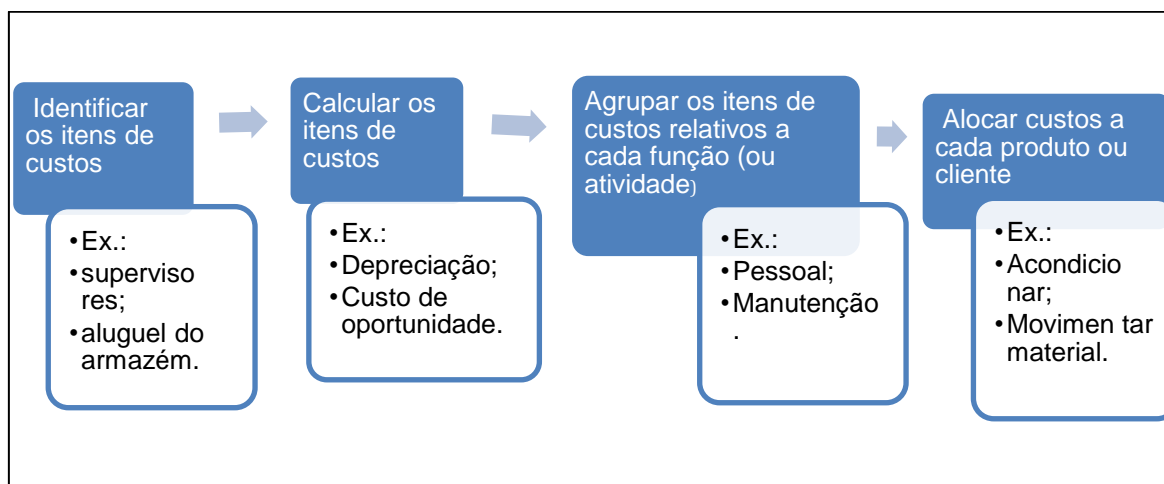
A quinta pergunta desta categoria é sobre os locais de armazenamento, se eles se mostram adequadas em todo esse processo logístico. A sexta pergunta se tratava sobre o tipo de armazenagem, se ele está adequado pensando no custo logístico e gargalos, e se sim o porquê.

O entrevistado B não respondeu a qualquer uma das duas perguntas, enquanto o entrevistado A disse que quanto a quinta pergunta, os locais de armazenamento se mostram adequados, porém insuficientes.

Quanto a sexta, disse que os valores variam, contudo o custo para transportar da região para Salvador é alto, de 160 a 180 reais a tonelada, enquanto das fazendas para os armazéns o custo depende do local, se a estrada for ruim o frete tende a aumentar, se for boa o custo tende a ser bem mais baixo mas se comparado com outras regiões do país o preço não foge muito ao dos padrões de

outros estados. A figura 5 apresenta as etapas de custo de armazenagem com seus respectivos exemplos.

Figura 5: Custos de armazenagem



Fonte: Adaptado pelo autor (INSTITUTO BRASIL LOGÍSTICO 2019)

A pergunta sete procura saber se o produtor local, quando necessita, tem alguma alternativa para o armazenamento de grãos além dos oferecidos pela iniciativa privada, se existe algum apoio público. O entrevistado A informou que se o produtor não tiver alguma alternativa na própria fazenda e ele não conseguir entregar tudo na trading, eles tem a opção de armazenar no silo bolsa, que é muito usado principalmente se estiver com pouca umidade na região, se a soja estiver seca, pois é a maneira indicada para armazenar soja seca.

Porém se estiver chovendo e a soja precisar passar pela secagem, não se recomenda o seu armazenamento nesse tipo de silo, o que acaba gerando filas na entrega e muita espera no descarregamento, pois ela tem que passar pelo secador. O entrevistado B disse que tanto a parte municipal quanto a estadual não possuem essa alternativa, porque a CONAB não atua na região com esse tipo de estoque.

A próxima pergunta é sobre qual a principal destinação da produção local de soja. Para o entrevistado A mais ou menos 50% dela vai para exportação para países da Ásia, principalmente para China, e a outra metade atende o nordeste, o mercado interno, as granjas do nordeste onde parte é esmagada nas indústrias da região e vai em forma de farelo, e outra parte in natura mesmo. Multinacionais como a Bunge e a Cargill, são exemplos de empresas que esmagam soja na região.

O entrevistado B disse que a principal destinação vai para a exportação e uma parte fica na região com as multinacionais, pois uma parte do que é grão, no caso a soja e o próprio milho, vão ser transformados em ração animal. Porém a secretaria não possui informações acerca de quantidades que são destinadas para a exportação ou para a ração e que para encontrá-las, somente nas associações. A tabela 2 mostra a evolução da exportação da soja nos últimos anos na Bahia.

Tabela 2: Exportação soja baiana
Exportação da soja baiana

Ano	Produção (toneladas)	Exportação (toneladas)	%
2015	4.200	2.609	62
2016	3.100	1.400	45
2017	5.200	2.462	47

Fonte: Adaptado pelo autor (Dados AIBA 2019)

A última pergunta foi sobre de que forma a produção é escoada e qual a predominância de cada modal. O entrevistado A disse que o escoamento é feito somente de modo rodoviário, sobre caminhões rodotrem de 37 toneladas, pois a ferrovia que seria construída na região ficou apenas na promessa e a hidrovía do São Francisco que era muito utilizada nos anos 90, que levava soja no São Francisco até Petrolina, não está mais navegável.

Quando questionado se a hidrovía não é mais utilizada por conta das condições, ele concordou, dizendo que essa forma de escoamento é viável, se tivesse manutenção e dragagem do leito do rio, porém sem manutenção ela se torna inviável; o entrevistado A também informou que há três ou quatro anos ela ainda era utilizada, com dificuldade, para o transporte de cargas de algodão e que o governo Federal ainda chegou a prometer que faria uma licitação para fazer a dragagem do canal, mas o projeto não foi aprovado e por isso não foi realizado.

O entrevistado B concordou com a informação do entrevistado A de que o principal modal é o rodoviário, mas afirmou que a região também possui uma ferrovia que a corta e está em processo de construção há um bom tempo, que já era pra ter terminado, porém não tem previsão para conclusão.

A figura 6 apresenta as principais rodovias e ferrovias federais da Região Nordeste.

Figura 6: Rodovias Federais Região Nordeste



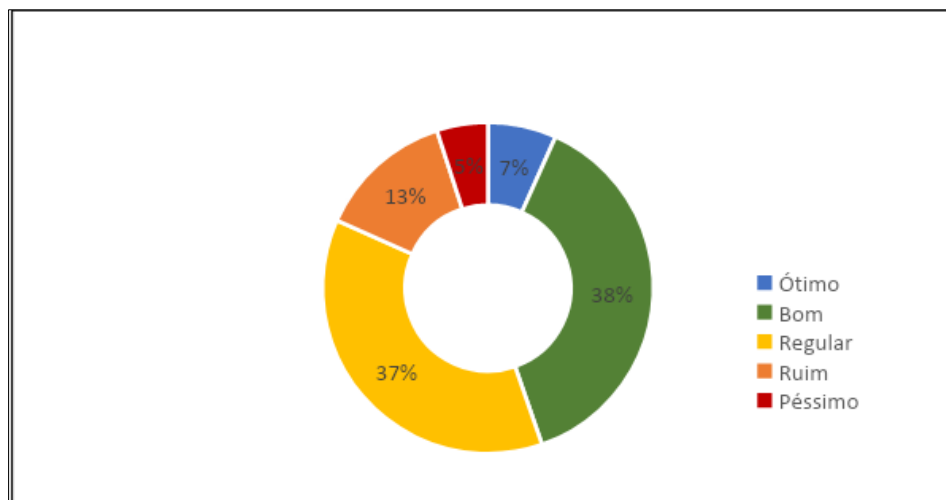
Fonte: Aiba (2018)

O modal ferroviário seria um modelo bastante interessante para a região e ajudaria muito na questão do transporte dos insumos na região. Rocha (2006) afirma que esse método se destaca pela sua capacidade de transportar grandes volumes de mercadorias por longas distâncias e por um custo menor do que o modal rodoviário, porém as ferrovias apresentam um custo fixo de implantação e manutenção.

Por outro lado, apesar do transporte rodoviário utilizar bastante combustível para Rocha (2006), ele se mostra um modal bastante flexível nas operações de transporte por possuir capacidade e tamanho diversificados, o que permite que ele atue tanto em centros urbanos quanto em longos percursos nas rodovias. Enquanto Rodrigues (2004) afirma que “o transporte rodoviário é um dos mais simples e eficientes dentre seus pares. Sua única exigência é existirem rodovias”.

Como o principal modal utilizado para o escoamento da soja no Oeste baiano é o rodoviário, o gráfico 1 com dados da Confederação Nacional do Transporte (CNT) mostra as condições das principais estradas da Bahia no ano de 2018.

Gráfico 1: Condições das estradas da Bahia



Fonte: Adaptado pelo autor (Dados CNT 2018)

Segundo os resultados apresentados, 7% das estradas são consideradas como em ótimo estado, 38% estão em boas condições, contra 37% em estado regular, além de 13% como ruim e 5% péssimo. O que se subentende que apesar de poder melhorar, as estradas ainda estão sendo cuidadas e em sua grande maioria podem ser utilizadas como principal modal.

4.1.3. Categoria 3: Identificação e caracterização dos condomínios rurais no Oeste baiano

A terceira e última sessão tem o objetivo de identificar e caracterizar os condomínios rurais no Oeste baiano, se eles existem, se são conhecidos pela região e se seriam uma forma vantajosa e interessante para os produtores da região aderirem. O bloco de perguntas será exposto no quadro, 4, onde estão elencadas as perguntas realizadas durante as entrevistas a fim de auxiliara na compreensão dos resultados da pesquisa.

Quadro 4 – Roteiro sobre identificação e caracterização dos condomínios rurais no Oeste Baiano

Perguntas	Núcleo de sentido	Instrumento
<ul style="list-style-type: none"> Já ouviu falar sobre Condomínios de Armazéns Rurais? Saberá dizer o que é? - Esse familiar aí ele se trata de um condomínio, mas nem só para armazenagem? 	Ações Associativistas	Entrevista
<ul style="list-style-type: none"> Tem conhecimento de lugares no país que tem esse tipo de formação (Condomínio Rural)? Onde? 	Ações Associativistas	
<ul style="list-style-type: none"> Se tiver conhecimento sobre quais produtos que são armazenados nesses locais? Caso não conheça, possui alguma ideia de como? 	Armazenamento	
<ul style="list-style-type: none"> Você imagina que esse é um modelo vantajoso aos produtores? Quais as vantagens que os Condomínios Rurais trariam aos produtores rurais se participassem desse modelo? 	Ações Associativistas	
<ul style="list-style-type: none"> Acredita que os Condomínios seja algo novo e pode contribuir para a Logística e armazenagem da soja? Por quê? 	Logística/Armazenamento	
<ul style="list-style-type: none"> Esse tipo de Condomínio apresenta custo para implementação, você acha viável, economicamente, implementá-los? Explique. 	Implementação Condomínio	
<ul style="list-style-type: none"> Existe algum incentivo do governo estadual ou federal aos produtores no período de safra? - Fica mais oneroso? 	Produção	
<ul style="list-style-type: none"> Você consegue pensar nos condomínios de armazéns rurais como uma maneira eficiente e eficaz para reduzir esses gargalos? Se sim, de qual forma? 	Gargalos/Logística	

A primeira pergunta foi se algum dos entrevistados já tinham ouvido falar sobre os Condomínios de Armazéns Rurais e se saberiam dizer o que é. Segundo o entrevistado A, a região não possui Condomínios de Armazéns Rurais, e que quando chegam a fazer um condomínio rural é porque tem um tamanho já considerável e por isso tem armazenagem própria.

Ele informou sobre a existência de uma família na região em que são vários irmãos que são produtores de soja e criaram um Condomínio Rural para facilitar as negociações, a parte burocrática. Apesar de contar com armazenagem própria, esse Condomínio não é especificamente para armazenagem e sim para centralizar as negociações em torno das várias matrículas das fazendas que são da família. Ele ainda completa que além das tradings eles possuem empresas que prestam serviço de armazenagem particular onde eles armazenam a soja por um tempo e depois o produtor vai buscar ou armazenar mais grãos, porém esse serviço não é caracterizado como um condomínio de armazém rural.

Quando questionado se o condomínio dos irmãos era caracterizado como um condomínio, mas não especificamente de armazenagem, ele concordou e informou que os condomínios eles criam por uma questão jurídica, para facilitar o controle da parte burocrática e de documentação, pois é criado um condomínio que engloba várias matrículas, logo a finalidade do condomínio é estritamente burocrática e não de armazenamento.

Ele finalizou dizendo que o que eles têm mais próximo de um condomínio de armazém rural é o sistema de cooperativas de armazenagem. Enquanto o entrevistado B disse que particularmente não havia conhecimento e nem "noção do que poderia ser essa, vamos dizer, forma de associativismo" (ENTREVISTADO B, 2019).

Através das informações fornecidas pelo entrevistado A sobre esse Condomínio Rural que foi criado pelos irmãos, foi possível entrar em contato com um dos sócios do possível Condomínio. Segundo informações, a família deixou a Região Sul do País na década de 80, mais precisamente o Rio Grande do Sul, para morar no Oeste da Bahia e então iniciaram e estabeleceram suas atividades agrícolas em Barreiras.

O modelo é de grupos familiares que trabalham em um grupo agrícola e tem por objetivo viabilizar a estrutura de armazenagem no Oeste Baiano e conta com mais ou menos 8 produtores, os irmãos, que trabalham na parte burocrática do possível Condomínio.

Pela região possuir um déficit relativamente alto no que tange o armazenamento dos grãos, esses produtores começaram a investir em estruturas de armazenagem, ou seja, eles possuem sua própria estrutura para armazenar os grãos que produzem. Os silos ficam em uma região entre Barreiras e Luís Eduardo Magalhães e se assemelham muito aos Condomínios de Armazéns Rurais que estão localizados no Sul do país.

No entanto, embora muito parecidos, não é possível afirmar que essa estrutura seja a de um Condomínio de Armazenagem Rural que fica localizado no Oeste Baiano sem que antes tenha sido feito uma visita ao local para entender melhor esse modelo, então o que se pode afirmar é que aparentemente essa seja uma organização similar ao Condomínio de Armazenagem Rural.

A próxima pergunta era sobre se os entrevistados possuíam conhecimento de lugares no país que possuem esse tipo de formação de condomínio rural e se sim, onde. Ambos os entrevistados disseram não possuir conhecimento dessa formação em outras localidades do país.

Como os entrevistados não possuíam esse conhecimento, a terceira pergunta não foi respondida por nenhum dos entrevistados.

A quarta pergunta pretendia entender se os entrevistados imaginavam que esse modelo de condomínio seria vantajoso para os produtores e quais as vantagens que eles trariam para eles caso participassem.

Para o entrevistado A esse modelo pode ser uma solução viável e interessante para regiões de pequenos produtores que não possuem condições de cada um ter a sua própria armazenagem. Enquanto o entrevistado B afirma que acha "louvável" toda forma de associativismo, pois o produtor individual não consegue fazer nada sozinho, e a partir do momento em que os produtores realizam essa estruturação eles podem encontrar uma alternativa para resolver suas problemáticas.

Segundo Filippi (2017, p.176), os condomínios de armazéns rurais trazem muitas vantagens logísticas e de natureza econômica para os produtores que optam por essa forma de associativismo, como “maior agregação de valor ao produto, redução de custos, aumento do lucro e maior rentabilidade sobre produção”, além das vantagens de natureza social, como o lucro ficar todo com o produtor, pois a figura do intermediário na transação da venda é eliminado do processo, bem como ele adquire uma comercialização estratégica, pois consegue vender seu produto em qualquer época do ano, safra ou entressafra, uma vez que com o condomínio seu poder de armazenamento tende a crescer e sua logística ficar mais sofisticada, tudo isso por menor custo.

A próxima pergunta foi sobre se os entrevistados acreditavam que os condomínios seja algo novo que pode contribuir para a logística e armazenamento da soja e por quê. Segundo o entrevistado A os condomínios pode ser sim algo novo que pode auxiliar as regiões que são deficitárias, pois muitas vezes uma pessoa sozinho não possui condições de ter um local adequado para o armazenamento da soja e de ter o seu próprio condomínio de armazém rural. O entrevistado B não esboçou comentário sobre essa questão.

No que diz respeito à sexta pergunta, o entrevistado B mais uma vez não respondeu ao questionamento que lhe foi feito, quanto que o entrevistado A também não respondeu a esta pergunta, que se tratava sobre o custo de implementação que esse tipo de condomínio apresenta e se eles consideravam viável, economicamente, implementá-los.

A penúltima pergunta desta categoria foi sobre incentivos por parte do governo, se existe algum incentivo do governo estadual ou federal aos produtores no período de safra.

Segundo o entrevistado A essa linha de financiamento para armazenagem existe sim, porém a questão da garantia muitas vezes barra o financiamento, uma vez que já existe um financiamento para a produção e normalmente a terra do produtor já está penhorada para a produção agrícola. Logo, alguns produtores conseguem o financiamento para armazenagem, porém a maioria não, pois não possuem outra área que possam penhorar para ganhar também o financiamento da armazenagem.

Ele explica que eles teriam que ter outra garantia de financiamento para conseguir o crédito, como por exemplo a produção ou os próprios armazéns, porém esse segundo pode ser complicado pois não existe a possibilidade de "pegar de volta algo que já está construída na área" (ENTREVISTADO A, 2019). Ele conclui que além do problema de não existir a garantia e isso travar o aumento da armazenagem, possui o problema da disponibilidade da energia elétrica, uma vez que o armazenamento consome muita energia e muitas regiões tem déficit ou falta de fornecimento de energia, a possibilidade que existe é a de utilizar o diesel, porém seria uma maneira que ficaria cara. Ele explica e cita como exemplo o município de Formosa do Rio Preto, que é o maior município da Bahia, praticamente não tem energia e que na maior parte das fazendas as armazenagens que o município possui trabalha com o diesel, o que torna o custo deles bem mais oneroso.

Para o entrevistado B, a nível municipal existe um programa, inclusive dentro da Secretaria, chamado "Vale Produtivo" e o "Agro Forte", o segundo caso é utilizado para a melhoria das estradas vicinais e pontes de acesso que dão acesso as fazendas, pois essas melhorias auxiliam no transporte dos insumos, uma vez que as estradas de acesso tendem a ser precárias, o que as tornam gargalos tanto do município bem como de qualquer região produtora do país.

Quanto aos produtores de soja da região serem em sua maior parte de grande escala, o entrevistado B também foi questionado sobre o agricultor familiar, se ele não entra na questão da produção de soja.

Em resposta ele disse que não, o agricultor familiar não entra nessa questão pois a produção dele é voltada para o HortiFruti, onde tem produção que vai desde hortaliças até a criação de animais de pequeno e grande porte, o milho ainda chega a ser produzido, mas apenas para consumo, para ser utilizado como ração ou até mesmo para venda em feiras e supermercados da região, ou seja, a produção é voltada mais para a cultura de subsistência.

A última pergunta feita aos entrevistados foi se eles conseguiam pensar nos condomínios de armazéns rurais como uma maneira eficiente e eficaz para reduzir esses gargalos e se sim de que forma.

O entrevistado A disse que acha eficiente sim, porque soluções em conjunto são melhores do que as tomadas sozinho, e apresenta mais um caso da região como exemplo, o de Baianópolis, onde tem uns 50 produtores todos abaixo de 1000 hectares, a maioria deve ter 500 hectares, para ele esse é um exemplo de que não compensa cada um ter o seu armazém e como eles também não possuem nenhuma trading e nenhuma unidade de recebimento perto, esse é um caso que para ele com certeza daria certo, pois se fizerem a conta individual não compensa, mas todos juntos numa só pode compensar. O entrevistado B mais uma vez não respondeu a esta pergunta.

A seguir, o quadro 5, foi elaborado com os principais resultados das informações coletadas através das respostas dos entrevistados.

Quadro 5 - Resumo dos principais resultados

Categoria 1 - características dos produtores rurais e região	1 – Produtores principalmente de soja, milho e algodão; 2 – Presença de produtores de grande, médio e pequeno porte; 3 - Todos os produtores participam de alguma associação; 4 - A região conta com ações coletivas rurais.
Categoria 2 - logística e armazenagem da soja no oeste baiano	1 – A região possui déficit de armazenagem; 2 – Armazenagem é feita em tradings, armazéns particulares e armazéns próprios; 3- Locais de armazenagem adequados, porém insuficientes; 4 – Principal destinação da soja vai para a exportação; 5 – Principal forma de escoamento é pelo modal rodoviário.
Categoria 3 - identificação e caracterização dos condomínios rurais no oeste baiano	1 – Possui um possível Condomínio Rural. 2 – Não há incentivos governamentais durante a colheita; 3 – Falta de garantias para linhas de crédito voltadas para armazenagem.

Os produtores do Oeste Baiano em sua grande maioria produzem soja, milho e algodão, sendo eles de pequeno, médio e grande porte. A região possui diversos gargalos logísticos e os produtores têm que saber lidar e superar esses problemas para conseguir continuar produzindo, dentre eles estão as questões das condições climáticas, transporte e armazenagem de suas *commodities*. Segundo Gentil e Martin, 2014 a falta de locais apropriados para a armazenagem pode ocasionar aos produtores a perda do seu produto agrícola. O investimento em condomínios de armazenagem pode garantir custos de investimentos e armazenagem menores, além de permitir que seus produtos sejam comercializados em períodos diferente dos demais garantindo dessa forma, maior rentabilidade (FAEP, 2014).

De acordo com os resultados, não se pode afirmar que os condomínios de armazéns rurais são um modelo que não existe na região Oeste da Bahia, pelo menos não com o modelo e intuito de ser exclusivamente voltado para a armazenagem, o que possui é uma estrutura que se assemelha aos Condomínios de Armazenagem Rural encontrados no Sul do país, a exemplo dos Condomínios dos produtores de grãos do município de Palotina (FAEP, 2014; FILIPPI, 2017; FILIPPI; GUARNIERI, 2018). Esse modelo do Oeste Baiano é um modelo de grupo familiar e tem como um dos seus objetivos a viabilização de estruturas de armazenagem na região através da construção de silos de armazenamento próprios para auxiliá-los, uma vez que a região produz muito, mas não consegue lidar com a questão de onde depositar os grãos, é onde gera um déficit de armazenagem.

A região até possui locais para armazenagem, a exemplo das tradings e armazéns particulares, porém mesmo com essas opções, os locais de armazenagem da região são insuficientes.

Essa forma de associação encontrada, apesar de possuir bastante semelhança estrutural de um Condomínio de Armazém Rural, não foi visitado e nem levantado dados e informações junto aos próprios produtores, in loco, dessa forma, o que se pode concluir sobre a existência desse tipo de estrutura na região é que aparentemente existe um arranjo similar, em estrutura e organização, ao Condomínio de Armazenagem Rural.

Enquanto que segundo os entrevistados, eles não possuíam a informação e nem o conhecimento desse tipo especificamente de associação na região, mas se

mostraram interessados neste modelo e afirmaram que essa é uma forma interessante de associativismo a ser estudada e implantada no Oeste da Bahia a fim de ajudar aos pequenos produtores, uma vez que o processo de armazenamento dos grãos se mostra bastante complexo e com custo elevado, logo a criação de um condomínio de armazém rural com vários produtores se mostra mais eficiente, pois uma pessoa sozinha não possui condições de ter seu próprio armazém.

5. Conclusão e Recomendação

5.2. Considerações Finais

O tema de condomínios de armazéns rurais é um modelo novo que ainda está se disseminando e consolidando-se aos poucos pelo país (FILIPPI, 2017; FILIPPI et al., 2018; FILIPPI; GUARNIERI, 2018), com o caso do Oeste baiano é possível perceber que a informação sobre os condomínios é mínima. O Oeste da Bahia é um local onde o cultivo e a produção de soja crescem cada dia mais, com isso tende a crescer também os gargalos logísticos e as dificuldades para manter a produção e a qualidade dos seus produtos.

Uma das dificuldades com o processo de cultivo da soja é a questão do seu armazenamento. Muitas vezes os produtores tem de procurar alternativas para que a produção não se perca, uma vez que investir, sozinho, em armazéns pode ter um custo bastante elevado.

Porém, o fato de precisar utilizar as tradings ou armazéns de particulares, também possui um custo relativamente alto para os produtores, que devem levar em consideração também questões como o transporte do grão. Dessa forma, investir em formas de armazenamento de maneira coletiva pode se mostrar um modo bem eficiente e eficaz, reduzir custos, e auxiliar os pequenos produtores na construção de estruturas comuns entre eles, permitindo assim que a capacidade de cada um seja somada e eles consigam então um maior retorno financeiro, além da troca de experiências que eles podem realizar.

O objetivo geral deste trabalho foi identificar a existência e potencial de condomínios de armazéns rurais no Oeste Baiano, para alcançar esse objetivo foram realizadas duas entrevistas com órgãos que possuíam informação sobre os produtores da região e suas associações.

Com essa pesquisa, foi possível saber que a região do Oeste da Bahia aparentemente possui uma forma semelhante de associação rural do tipo condomínio rural, porém não se pode afirmar que esse seja um modelo de condomínio rural que seja próprio e exclusivo para armazenagem, uma vez que o modelo não foi visitado para maiores esclarecimentos. Com a pesquisa, foi possível compreender também que como infere estudos anteriores, a região possui locais de

armazenamento adequados, porém eles mostram-se insuficientes, o que acaba fazendo com que eles busquem outras alternativas, muitas vezes em locais distantes para driblar esse problema. As entrevistas também auxiliaram, juntamente com a análise documental, a responder os objetivos específicos desta pesquisa.

Conclui-se então que existe, aparentemente, uma estrutura que pode ser um condomínio de armazém rural no Oeste baiano, e que a região possui um grande potencial para a implantação destes, pois pode auxiliar em regiões que são deficitárias e que uma pessoa sozinha não possui condições de ter o seu próprio local de armazenagem.

5.3. Limitações da Pesquisa

Por ser um tema relativo novo e de pouco alcance, a literatura acerca do tema de condomínios de armazéns rurais é bastante escassa e limitada.

Por outro lado, a existência não confirmada de condomínios de armazéns rurais na região também limitou o escopo da pesquisa, bem como a questão de algumas regiões do Oeste baiano possuírem uma cultura mais voltada para a subsistência do que para a produção em larga escala com viés para exportação.

Outro fator limitador foi o baixo conhecimento dos entrevistados acerca das características dos condomínios de armazéns rurais.

5.4. Sugestões para Estudos Futuros

Ao longo desta pesquisa, notou-se que os entrevistados possuíam pouca ou nenhuma informação sobre os condomínios de armazéns rurais, a exceção de um dos entrevistados que citou uma forma de associativismo semelhante à de Condomínio de Armazém Rural na região, porém reconheceram que esse pode ser um modelo bastante interessante para ser implantado na região

Assim como esse assunto despertou interesse para os funcionários dos órgãos, pode ser um assunto de interesse dos próprios produtores.

Com o apoio do material aqui inserido e os resultados dessa pesquisa, sugere-se que estudos futuros concentrem pesquisas também diretamente com os próprios produtores, lhes garantindo informações sobre os condomínios de

armazéns rurais para que o tema seja reconhecido e implementado por eles a fim de atender as suas demandas, além de realizar estudos aprofundados junto ao provável Condomínio de Armazém Rural citado pelo entrevistado para entender melhor esse modelo que se encontra na região e se ele realmente se encaixa como um Condomínio de Armazenagem Rural no Oeste da Bahia.

5.5. Contribuição da Pesquisa

Como um tema relativamente novo e com poucas informações sobre ele, esta pesquisa pode contribuir para a construção do saber “o que são condomínios de armazéns rurais no oeste baiano” e conhecer toda a sua estrutura e suas principais características, além da difusão de conhecimento, tendo em vista que os primeiros condomínios de armazéns rurais surgiram na região Sul (FILIPPI, 2017; FILIPPI; GUARNIERI, 2018; FILIPPI et al., 2018) e este trabalho explorou e levou o tema para a região Nordeste. Os entrevistados, apesar de não conhecerem o tema, ficaram entusiasmados e receptivos com o assunto.

Outra contribuição que se espera desta pesquisa, é que ela auxilie na construção de novos saberes sobre esse assunto, que sirva de base para que haja mais pesquisas sobre ele. Além de que os produtores e outros agentes dessa monografia possam entender essa forma de associação coletiva como algo que pode contribuir e auxiliar no crescimento e fortalecimento da produção agrícola brasileira.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BAIANA DE PRODUTORES DE ALGODÃO – ABAPA (2019) “Região Oeste concentra mais de um terço de toda riqueza agrícola da Bahia”. Disponível em: <<http://abapa.com.br/mais-noticias/regiao-oeste-concentra-mais-de-um-terco-de-toda-riqueza-agricola-da-bahia/>>. Acesso em 04 jun. 2019.
- AGRISHOW DIGITAL (2019) “Gestão: Segurança, autonomia e custo menor; essas e outras vantagens do silo-bolsa”. Disponível em: <<https://digital.agrishow.com.br/seguranca-autonomia-e-custo-menor-essas-e-outras-vantagens-do-silo-bolsa/>>. Acesso em 30 jun. 2019
- ANDRADE, M.M. Introdução à metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 1993.
- A Associação Brasileira dos Produtores de Soja – APROSOJA (2018) “A soja”. Disponível em: <<https://aprosojabrasil.com.br/a-soja/>>. Acesso em 04 jun. 2019
- ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA – AIBA (2018) “Evolução Soja Oeste Bahia”. Disponível em: <<http://aiba.org.br/wp-content/uploads/2013/12/evolucao-soja-oeste-bahia.pdf>>. Acesso em 04 jun. 2019.
- ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA – AIBA (2018) “Panorama do Agronegócio”. Disponível em: <<http://aiba.org.br/wp-content/uploads/2018/12/SAFRA-E-DESTINO-DE-GR%C3%83OS-2018.pdf>>. Acesso em 04 jun. 2019.
- ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA – AIBA (2018) “Oeste da Bahia bate recorde de produção de grãos e fibra na Safra 2017/18”. Disponível em: <<http://aiba.org.br/wp-content/uploads/2018/10/AibaRural-Ed-11-Digital.pdf>>. Acesso em 14 mai. 2019
- ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA – AIBA (2019) “A Aiba”. Disponível em: <<http://aiba.org.br/a-aiba/>>. Acesso em 7 mai. 2019
- ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA – AIBA (2019) “Quem é quem”. Disponível em: <<http://aiba.org.br/quem-e-quem/>>. Acesso em 7 mai. 2019
- ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA – AIBA (2019) “Região Oeste”. Disponível em: <<http://aiba.org.br/regiao-oeste/>>. Acesso em 11 mai. 2019
- BALLOU, R.H. Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos. Logística Empresarial. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. 616p.

BALLOU, R.H. Logística Empresarial: transporte, administração de materiais e distribuição física. Trad. YOSHIZAKI, H.T.Y. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1993. 388 p.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977. 225p.

BASTOS, R.L. Ciências humanas e complexidades: projetos métodos e técnicas de pesquisa; o caos a nova ciência. Juiz de Fora: EDUFJF; Londrina CEFIL, 1999. 128p.

BOWERSOX, D.J.; CLOSS, D.J. Logística empresarial: o processo de integração da cadeia de suprimento. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BRANCO, A.L.O.C. A Produção de Soja no Brasil: Uma Análise Econométrica no Período de 1994-2008. 2008, 54 f. Dissertação. (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Faculdade de Ciências Econômicas do Centro de Economia e Administração da PUC Campinas, Campinas, 2008.

BRASIL. Decreto nº 3.993, de 30 de outubro de 2001.Regulamenta o art. 95-A da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, que institui o Programa de Arrendamento Rural para a Agricultura Familiar, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/D3993.htm>. Acesso em: 8jul. 2019

BRASIL. Lei nº 5764, de 16 de novembro de 1971. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/L5764.htm>. Acesso em: 12 set. 2018

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB (2017) "Armazenagem". Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/armazenagem>>. Acesso em 08 set. 2018

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. Perspectivas para a agropecuária. Vol. 5 – Safra 2017/2018, Produtos de Verão. p. 103, 2017.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB (2018) “Trabalho realizado pela Conab mostra tendências de mercado para a próxima safra”. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/ultimas-noticias/2488-trabalho-realizado-pela-conab-mostra-tendencias-de-mercado-para-a-proxima-safra>>. Acesso em 20 dez. 2018

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TRANSPORTES – CNT (2018) “Relatório por Região e Unidade da Federação”. Disponível em: <http://pesquisarodovias.cnt.org.br/Pagina/relatorio_por_unidade_federativa>. Acesso em 30 jun. 2019.

CONTEÚDO JURÍDICO “Modelos de Contratos - Estatuto social referente à condomínio de produtores rurais”. Disponível em:
<<http://conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=25587.30525>> Acesso em 8 jul. 2019

COUNCIL OF SUPPLY CHAIN MANAGEMENT PROFESSIONALS - CSCMP (2013) “CSCMP Supply Chain Management Definitions and Glossary”. Disponível em:
<https://cscmp.org/CSCMP/Educate/SCM_Definitions_and_Glossary_of_Terms/CSCMP/Educate/SCM_Definitions_and_Glossary_of_Terms.aspx?hkey=60879588-f65f-4ab5-8c4b-6878815ef921> Acesso em 12 nov. 2018

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA (2019) “Espaço temático – Matopiba”. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/tema-matopiba>>. Acesso em 09 jul.2019

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO - EBC (2015) “Economia: Áreas do Norte e do Nordeste consolidam-se como nova fronteira agrícola”. Disponível em:
<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2015-10/areas-do-norte-e-do-nordeste-se-consolidam-como-nova-fronteira-agricola>>. Acesso em 06 dez. 2018

FAEP – Federação da Agricultura do Estado do Paraná. O tucano ou a petista? Boletim Informativo. A revista do Sistema. Ano XXVIII. nº 1280 – 20/10/2014 a 26/10/2014.

FILIPPI, A.C.G. Caracterização e análise da viabilidade de Condomínios de Armazéns Rurais: um estudo Multicaso. 2017, 204 f. Dissertação. (Mestrado em Agronegócio) – Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FILIPPI, A. C. G.; GUARNIERI, P. Análise da Viabilidade Econômico-Financeira de Condomínios de Armazéns Rurais: Um Estudo Multicaso. Custos e AgronegocioOnLine, v. 14, p. 373-408, 2018.

FILIPPI, A.C.G.; GUARNIERI, P. ; SOUZA, C. B. ; CARVALHO, J. M. ; CRUZ, J. E. Análise das Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças para os Condomínios de Armazéns Rurais. Informe Gepec, v. 22, p. 43-61, 2018.

FLORESTA BRASIL.COM (2016) “O que é o MATOPIBA?”. Disponível em:
<<http://www.florestalbrasil.com/2016/01/o-que-e-o-matopiba.html>>. Acesso em 06 dez. 2018

GANANÇA, A.C. Associativismo no Brasil: Características e Limites para a Construção de uma nova Institucionalidade Democrática Participativa. 2006, 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) -Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GENTIL, L.V.; MARTIN, S. Armazenagem da produção: É viável para o produtor rural? Revista Agroanalysis. Mercado e Negócios. p. 28-29. Maio de 2014.

Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/agroanalysis/article/viewFile/38755/37491>>. Acesso em 08 set. 2018.

Gil, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

INSTITUTO BRASIL LOGÍSTICA – IBLOG (2018) “Custos De Armazenagem (Sistema De Custeio De Armazenagem). Disponível em:<<https://institutobrasillogistico.com.br/2018/01/24/custos-de-armazenagem-sistema-de-custeio-de-armazenagem/>>. Acesso em 31 mai. 2019.

KASUYA (2018) “Notícias: Oeste da Bahia considerado o maior polo agrícola do Nordeste, bate recorde de produção!”. Disponível em:<<https://kasuya.com.br/oeste-da-bahia-considerado-o-maior-polo-agricola-do-nordeste-bate-recorde-de-producao/>>. Acesso em 04 jun. 2019.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1991

LARRÃNAGA, Félix Alfredo. A gestão logística global. São Paulo: Aduaneiras, 2003. 252 p.

MARCONI, M.A. Fundamentos de Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATHIAS, M.C. Mercaflor – Joinville ganha um “Condomínio Rural”. p. 23. Janeiro de 2014.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. Pesquisa social. Teoria, métodos e criatividade. 28. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO – MAPA (2018) "Plano Agrícola e Pecuário 2018 - 2019". Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/plano-agricola-e-pecuario/>>. Acesso em 09 set. 2018

MUÑOZ, E. Associativismo e Cooperativismo: uma estratégia de organização empreendedora e solidária. 2012. Cartilha de Formação Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC. Disponível em:<<http://conevajr.ufsc.br/files/2014/11/Oficina-8-Cartilha-Associativismo-e-Cooperativismo-Estevan.pdf>> Acesso em 16 jun. 2019

OLIVEIRA, V.G.B. A Aplicação da Logística no Setor Sucroalcooleiro da Região de Assis. 2011, 34 f. Dissertação. (Bacharelado em Administração) - Instituto Municipal

de Ensino Superior de Assis – IMESA e a fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, Assis, 2011. Disponível em:
<<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0811261219.pdf>> Acesso em 13 nov. 2018

OLIVO, C.J; PASSOMAI, O. Análise da sustentabilidade de condomínios rurais formados por pequenos agricultores familiares. Revista Extensão Rural. DEAR/CPGExR – CCR –UFSM, ano VII. Jan – Dez, 2000.

ORTEGA, A.C; JESUS, C.M. Território, certificação de procedência e a busca da singularidade: o caso do Café do Cerrado. p. 305-330. Outubro de 2011

REVISTA CULTIVAR (2017) “BASF mostra as principais características do cultivo de soja no Brasil e na Argentina na safra 2016/2017”. Disponível em:
<<https://www.grupocultivar.com.br/noticias/basf-mostra-as-principais-caracteristicas-do-cultivo-de-soja-no-brasil-e-na-argentina-na-safra-2016-2017>>. Acesso em 06 dez. 2018

RURAL PECUÁRIA (2016) “Notícia: Instituições do agronegócio criam o Colegiado de Agricultura do Oeste da Bahia”. Disponível em:<<http://ruralpecuaria.com.br/noticia/instituicoes-do-agronegocio-criam-o-colegiado-de-agricultura-do-oeste-da-bahia.html>>. Acesso em 04 jun. 2019.

SANTOS, A.R. Metodologia Científica - a construção do conhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000

SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO. INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA – IEA (2011) “Pontos críticos da armazenagem de grãos no Brasil”. Disponível em:
<<http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=12111>>. Acesso em 12 nov. 2018

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE (2014) “Associação”. Disponível em:
<[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/5a3f332ba54f0cef713f1575676d4133/\\$File/5192.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/5a3f332ba54f0cef713f1575676d4133/$File/5192.pdf)> Acesso em 14 out. 2018

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE (2017) “Cooperativa: o que é, para que serve, como funciona”. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/cooperativa-o-que-e-para-que-serve-como-funciona,7e519bda15617410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>. Acesso em 11 set. 2018

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE (2014) “O que é uma cooperativa?”. Disponível em:

<[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/65f0176ca446f4668643bc4e4c5d6add/\\$File/5193.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/65f0176ca446f4668643bc4e4c5d6add/$File/5193.pdf)>. Acesso em 11 set. 2018

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL – SENAR (2011)

“ASSOCIAÇÕES RURAIS Práticas associativistas, características e formalização”.

Disponível em: <http://www.senar.org.br/sites/default/files/153_-_associacoes_rurais_0.pdf>. Acesso em 13 nov. 2018

SILOS CÓRDOBA (2013) “Vantagens do Silo Metálico vs. Silo Bolsa para armazenar grãos”. Disponível em: <<https://siloscordoba.com/pt-br/blog-pt-br/armazenagem-de-graos/vantagens-do-silo-metalico-vs-silo-bolsa-para-armazenar-graos/>>. Acesso em 30 jun. 2019

SISTEMA ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS – SISTEMA OCB

“O que é cooperativismo”. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/o-que-e-cooperativismo>>. Acesso em 11 set. 2018

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA - SNA (2015) "Condomínios de armazéns impulsionam setor de estocagem de grãos no Brasil". Disponível em: <<http://www.sna.agr.br/condominios-de-armazens-impulsionam-setor-de-estocagem-de-graos-no-brasil/>>. Acesso em 15 out. 2018

SOJA PLUS BAHIA (2019) “Sobre a região Oeste da Bahia”. Disponível em: <<http://sojaplusbahia.com.br/sobre-a-regiao>>. Acesso em 14 maio. 2019

TESCHE, R.W. As Relações de Reciprocidade e Redes de Cooperação no Desempenho Socioeconômico da Agricultura Familiar: o caso dos produtores de leite do município de Sete de Setembro/RS. 2007, 148 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). – Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - INCUBADORA SOCIAL (2015)

“Associativismo”. Disponível em:

<http://w3.ufsm.br/estudos culturais/arquivos/incubacao-cartilhas/CARTILHA%20ASSOCIATIVISMO.pdf>. Acesso em 14 out. 2018

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE, ECONOMIA E GESTÃO
DE POLÍTICAS PÚBLICAS (FACE)

**MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO (ADM/UnB) Pesquisa sobre a existência
Condomínios de Armazéns Rurais no Oeste Baiano**

Graduando: Tomaz Sardeiro Grinaldo

Orientadora: profa. MSc. Amanda C. Gaban Filippi

Objetivo da Pesquisa: Identificar a existência e potencial de condomínios de armazéns rurais no Oeste Baiano.

Objetivos Específicos:

- i) Levantamento junto aos órgãos públicos e privados regionais sobre a existência dos condomínios de armazéns rurais
- ii) Percepção sobre o potencial de implantação do Condomínios de Armazéns Rurais.
- iii) Caracterização da região e dos produtores rurais do Oeste Baiano.

I – CARACTERÍSTICAS DOS PRODUTORES RURAIS E REGIÃO

- 1) Existe em média quantos produtores nessa região?
- 2) O custo de produção costuma ser muito elevado?
- 3) Qual área normalmente de cultivo destes produtores rurais?
- 4) São produtores exclusivamente de soja?
- 5) Os produtores rurais são associados a alguma Ação Coletiva Rural (Cooperativa, Cerealista, Condomínio Rural ou algum outro tipo de Ação Coletiva Rural)? Quais?

- 6) Qual o perfil de produtores rurais da região (pequeno, médio ou grande) como é feita essa classificação?
- 7) A região conta com ações coletivas rurais? Quais?
- 8) O Oeste Baiano tem uma cultura Associativista?

II – LOGÍSTICA E ARMAZENAGEM DA SOJA NO OESTE BAIANO

- 9) Como funciona a logística do armazenamento da soja na região?
- 10) Existe déficit com armazenagem na região?
- 11) Os armazéns da região estão em condição adequada (condições físicas e estruturais)?
- 12) Quais são os principais gargalos logísticos enfrentados pelos produtores neste processo de armazenagem?
- 13) Os locais de armazenamento se mostram adequadas em todo esse processo logístico? Comente.
- 14) O tipo de armazenagem está adequado pensando no custo logístico e gargalos? Por quê?
- 15) Qual alternativa o produtor local tem quando necessita de armazenamento de grãos?
- 16) Qual a principal destinação da produção local de soja?
- 17) De que forma é escoada a produção? Qual a predominância de cada modal?

III – IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS CONDOMÍNIOS RURAIS NO OESTE BAIANO

- 18) Já ouviu falar sobre Condomínios de Armazéns Rurais? Saberria dizer o que é?
- 19) Tem conhecimento de lugares no país que tem esse tipo de formação (Condomínio Rural)? Onde?
- 20) Se tiver conhecimento sobre, quais produtos sabe que são armazenados nesses locais? Caso não conheça, possui alguma ideia de como?
- 21) Você imagina que esse é um modelo vantajoso aos produtores? Quais as vantagens que os Condomínios Rurais trariam aos produtores rurais se participassem desse modelo?
- 22) Acredita que os Condomínios seja algo novo e pode contribuir para a Logística e armazenamento da soja? Por quê?
- 23) Esse tipo de Condomínio apresenta custo para implementação, você acha viável, economicamente, implementá-los? Explique.
- 24) Existe algum incentivo do governo estadual ou federal aos produtores no período de safra?
- 25) Você consegue pensar nos condomínios de armazéns rurais como uma maneira eficiente e eficaz para reduzir esses gargalos? Se sim, de qual forma?